

**PERMANECEI NO MEU AMOR
PARA DAR MUITOS FRUTOS (15,8-9)**

Entendendo o Evangelho de João

Coleção DO POVO PARA O POVO

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oséias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo: Entendendo o evangelho de Lucas*
- *Deus Conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o evangelho de Mateus*
- *Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o Evangelho de João*

CENTRO BÍBLICO VERBO

**PERMANECEI NO MEU AMOR
PARA DAR MUITOS FRUTOS
(15,8-9)**

*ENTENDENDO
O EVANGELHO DE JOÃO*



Centro Bíblico Verbo

Rua Fernandes Moreira, 311
Chácara Santo Antônio
04716-000 – São Paulo/SP
Fone: (0xx11) 5182-0008
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: Maria Antônia Marques
Shigeyuki Nakanose, svd
Ilustrações: Anderson Augusto de Souza Pereira, msc.
Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos
Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes
Revisão: Tarsila Doná
Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva
Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2015

© Paulus – 2015
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Telefone: (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4166-2

AGRADECIMENTOS

"Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros" (Jo 13,34). Um amor que implica solidariedade, justiça, entrega e doação. Este mandamento continua encontrando eco em muitas pessoas que se colocam a serviço da construção do Reino de Deus no miudinho da vida! Mais uma vez, experimentamos a solidariedade de amigas e amigos na elaboração deste subsídio. A vocês, a nossa gratidão.

De maneira especial, agradecemos às pessoas que participaram dos seguintes seminários de aprofundamento sobre o evangelho de João:

- Em Pirapora do Bom Jesus (SP), nos dias 21 a 25 de julho de 2014, Adelaide, Agustinus, Egla, Francisca, Genival, Honeide, Ilca, Inês de Sales, Inês Zanin, Isabel, Jacy, Josefa, Judite, Luiz Catapan, Márcio, Maria Cristina, Maria Lúcia, Marlene, Max, Raimundo, Rose, Severino, Silvia.

- Em Manaus (AM), nos dias 25 a 30 de agosto de 2014, sob a coordenação da equipe arquidiocesana de Manaus.

- Em Salvador (BA), nos dias 15 a 17 de novembro de 2014, sob a coordenação e apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.

Nossa gratidão às amigas e aos amigos pela leitura atenta, sugestões, observações e correções: Heloísa Silva de Carvalho, Joana D'Arc Chuha de Oliveira, Josilma Santos, Luiz Carlos Catapan, Luiz José Dietrich, Maria Gisele Canário, Maria Ilsa Mascarenhas de Jesus, Marlene Garcez, Irmão Nelson Pires

André, Raimundo Aristide da Silva, Rose Medeiros e Terezinha Veroneze.

A todas as pessoas que apoiam as atividades do Centro Bíblico Verbo, em especial aos membros e funcionários e funcionárias da Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes.

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores/as da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação a cargo de PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE JOÃO



"PERMANECEI NO MEU AMOR PARA DAR MUITOS FRUTOS" (15,8-9)

Há alguns anos, um padre missionário em outro país recebeu a notícia de que o seu pai estava com câncer em estágio muito avançado. Não havia mais recursos. O padre viajou e ficou ao lado de seu pai. O pai viveu por mais seis meses. Nesse tempo, o filho, que estava ao seu lado, sentia-se totalmente impotente e muitas vezes reclamava contra Deus, que parecia ausente e distante. Era muito duro ver o pai sofrendo daquele jeito, sem poder fazer nada. Mas, alguns momentos antes de morrer, o seu pai virou-se e com um sorriso lhe disse: "Padre José, muito obrigado! Sem a sua presença eu não aguentaria". Naquele instante, o padre ficou surpreso e compreendeu o mistério do sagrado: o estar junto, o cuidado amoroso com o outro, mesmo não compreendendo.

"Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros!" (13,34)¹. A vivência do amor como sinal do discipulado de Jesus é a principal herança que o evangelho de João transmite à sua comunidade e que chega até os nossos dias. Da mesma forma que o padre José deixou tudo para permanecer ao lado de seu pai, a comunidade do discípulo Amado é chamada a assumir o amor até as últimas consequências. Os membros devem ser acolhidos como irmãs e irmãos. As páginas desse evangelho insistem na importância de viver uma forte experiência de amor em vista da continuidade do projeto de Jesus em comunhão com o Pai: "Vocês conhecerão

¹ Importante: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do evangelho de João. A maioria dos textos bíblicos foi extraída da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo, Paulus, 2014.

que eu estou em meu Pai, vocês em mim, e eu em vocês" (14,20).

O amor é capaz de ultrapassar as diversas formas de preconceitos que impedem o relacionamento entre as pessoas. A comunidade joanina era constituída com pessoas de diferentes grupos, culturas e mentalidades: judeus, galileus, samaritanos, estrangeiros, doentes, pobres, ricos, mulheres e homens, chamados a viver a nova aliança, baseada no amor e na solidariedade universal.

Por acolher a proposta de Jesus, a comunidade de João viveu constantes situações de conflitos: "Se o mundo odeia vocês, saiba que primeiro odiou a mim" (15,18). Esse grupo enfrentou forte oposição dos judeus fariseus e do Império Romano. Diante dessa situação, a comunidade procurou desenvolver profundos laços fraternos de amor e de solidariedade.

Perante às incertezas, é preciso apostar e ir em frente. A comunidade joanina precisou manter viva a sua fé. Há um insistente convite para que ela permaneça no amor e continue fiel ao projeto da vida plena: casa, comida, saúde, integração social. Isso só foi possível por meio da prática do amor solidário. Essas pessoas reforçaram a sua crença em Jesus como a ressurreição e a vida no tempo presente (cf. 11,25). A comunidade joanina permaneceu fiel à sua missão porque acreditou e vivenciou a experiência de que o Verbo se fez carne e vive no seu meio (1,14). Dessa comunidade, recebemos como herança o seu Evangelho, cujo objetivo o autor deixou por escrito: "para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, acreditando, vocês tenham vida no nome dele" (20,31).

O Evangelho de João levou mais ou menos 60 anos para ser escrito. Provavelmente, ele foi sendo elaborado em vários lugares: no norte da Galileia, na Síria e na Ásia Menor. A última redação do livro teria acontecido em Éfeso, na Ásia Menor, por

volta do ano 95, com alguns acréscimos posteriores. É um escrito que deve ser lido como interpretação e vivência da comunidade, com o objetivo claro de aprofundar a fé em Jesus, como divino e humano: o Verbo Encarnado.

Enfim, o evangelho de João é fruto de uma caminhada comunitária, representada no texto pela figura do discípulo amado (1,35-42; 13,23-25; 18,15; 20,2-10). Quem era esse discípulo? Ele é anônimo, simboliza todas as pessoas cristãs que viveram o amor mútuo e assumiram a prática da justiça. É o Evangelho do discípulo amado! Na tentativa de entender melhor esse texto, vamos olhar a história e colocar nossos pés no chão da vida dessa comunidade.

Conhecendo o chão da comunidade de João

A partir da dominação dos gregos (333 a.C.), as condições de vida na Palestina tornaram-se insuportáveis. As pessoas estavam sendo dominadas, exploradas e escravizadas. Muitos grupos populares resistiram à dominação e buscaram uma forma alternativa de viver. Os romanos dominaram a Palestina em 63 a.C. No tempo de Jesus e um pouco depois, as revoltas e os descontentamentos com a opressão dos romanos atingiram o auge. Em 66 d.C., quando os romanos saquearam o Templo de Jerusalém, os vários grupos, mesmo tendo posições diferentes, se uniram para lutar contra os dominadores. Esse movimento ficou conhecido como a guerra judaica (66–73 d.C.).

Nessa guerra, o povo judeu foi derrotado pelos romanos. Jerusalém, a cidade santa, e o Templo foram destruídos. O Templo era uma instituição central na vida do povo; controlava a sua vida em todos os aspectos. Os principais grupos que participaram da guerra, os saduceus, os essênios, os zelotas e os

sicários, foram desarticulados e quase desapareceram. A guerra desestruturou a vida dos habitantes da região da Judeia. Os judeus cristãos e os judeus fariseus não assumiram a luta até o fim, por isso; conseguiram sobreviver. Após a guerra, o grupo dos começou a reorganizar a vida do povo.

Os fariseus e os escribas, menos dependentes do Templo, desenvolveram uma estrutura alternativa. Fazia tempo que eles exerciam suas atividades nas sinagogas, através da função de explicar e interpretar a Lei. No contexto de destruição das instituições judaicas, como o Templo e o sínédrio – conselho supremo dos judeus –, o povo buscou refúgio e segurança no movimento dos fariseus e escribas. Aos poucos, os judeus fariseus foram se fortalecendo, a sinagoga passou a ser uma forte instituição para garantir, proteger e controlar a vida do povo. Assim, os romanos perceberam que seria vantajoso se aliar aos judeus fariseus.

A aliança com os romanos favoreceu o desenvolvimento dos grupos de linha farisaica. Surgiram muitos grupos, entre eles a Academia de Jâmnia, fundada pelo rabi Iohanán ben-Zakai. O chefe desse grupo foi reconhecido pelo Império Romano como representante do povo judeu. Como aliados dos romanos, eles tinham o direito de interpretar e aplicar a Lei, utilizando-a também para cobrar tributos dos judeus. Isso interessava aos romanos.

A principal Lei era a do Sábado. Uma lei que nasceu para manter viva a memória da libertação e defender a dignidade humana; porém, no decorrer do tempo se tornou uma lei opressora. O cumprimento da Lei foi colocado acima da pessoa. Outra Lei igualmente importante era a da pureza. Essa lei dividia as pessoas e as coisas em puro e impuro.

A lei do puro e do impuro definia quem estava mais perto e quem estava mais longe de Deus. Uma pessoa doente ou com alguma deficiência física era considerada impura por causa de

algum pecado, uma vez que a doença era vista como castigo de Deus. O simples contato com pessoas ou coisas impuras já causava impureza. Estar impuro significava não poder participar do culto e, conseqüentemente, do povo de Deus e da salvação.

Muitas pessoas viviam em condições quase permanentes de impureza. As autoridades judaicas, através da Lei, tinham a pretensão de controlar o corpo da mulher e do homem. Essa situação de opressão tinha maior peso para a mulher, que ficava impura por causa da menstruação (Lv 15,19), das relações sexuais (Lv 15,18) e do parto (Lv 12,2-5). Para se purificarem, as pessoas deviam levar ofertas e pagar o tributo religioso em dia. Isso custava muito caro, dificultando para os pobres o cumprimento da Lei.

Os judeus fariseus viam o cumprimento da Lei como uma exigência do próprio Deus. Essa crença, unida à crença na ressurreição dos mortos e na teologia da retribuição, com prêmios e castigos para esta vida e a outra, era usada para manter o povo na obediência rigorosa às normas impostas pelos dirigentes fariseus. A teologia da retribuição estava ligada à ideia de troca: se a pessoa cumprisse a Lei, seria abençoada com terra, descendência e vida longa. Se não cumprisse, receberia o castigo: pobreza, esterilidade e vida breve (Dt 30,15-20).

O ensino da Lei era feito através da sinagoga. Por volta do ano 85 d.C, as sinagogas estavam espalhadas na Ásia Menor. Nessa região, a comunidade judaica vivia uma certa autonomia, como uma cidade dentro da cidade. A aliança com os romanos possibilitou que a religião judaica, organizada pelos judeus fariseus, fosse considerada como *Religião Lícita* – religião permitida pela lei do Império Romano. Os judeus ligados à sinagoga conquistaram o direito de se reunir, de manter uma caixa comum e de ter propriedades. Eles eram dispensados de prestar culto às divindades do Império Romano, tinham o direito

de observar o sábado, de praticar seu culto e a sua Lei e participavam, quando necessário, do exército só de judeus. Cada comunidade local tinha suas leis administrativas, estabelecia locais para estudo, culto e sepultamentos; oferecia ajuda aos indigentes e mantinha tribunais para julgar disputas entre judeus.

Os judeus fariseus, na tentativa de preservar a sua identidade como grupo e manter seus interesses, começaram a exigir uma observância rigorosa da Lei. Havia 613 regras para ser cumpridas. A opressão era muito grande. No interior da sinagoga surgiram alguns grupos, entre eles o grupo dos cristãos, que começaram a relativizar a importância da Lei, pondo em primeiro lugar a vida humana. Isso provocou vários conflitos. Aqueles que não cumpriam a Lei foram perseguidos, torturados e expulsos da sinagoga, conseqüentemente estavam sujeitos à perseguição do Império Romano (16,1-2). No final do período do imperador Domiciano (81-96 d.C.), a perseguição contra os cristãos foi intensificada e generalizada, atingindo especialmente os grupos cristãos da Ásia Menor.

Entre esses grupos, estava a comunidade joanina. Essa comunidade surgiu entre os judeus que acreditaram que Jesus era o Messias esperado por eles. A guerra dos judeus contra os romanos (66 d.C.) provocou a dispersão das comunidades cristãs. Essa comunidade foi para o norte da Palestina e de lá emigrou para a Síria e Éfeso.

A comunidade joanina era composta de pessoas pobres e marginalizadas e começou a viver de um jeito diferente: irmãos e irmãs, unidos não pela Lei, mas pelo amor. Essas pessoas, provavelmente, viviam sob a opressão da Lei. Elas conseguiram ver na proposta cristã um caminho alternativo. Vivenciaram o amor mútuo e a certeza de que a presença do Verbo Encarnado, em cada em cada mulher e homem, era a base que sustentava e animava sua vida. Era comunidade mista, com pessoas

provenientes de vários grupos e religiões. Vejamos quem fazia parte dessa comunidade.

A comunidade de João e suas características

A diversidade de grupos existentes na comunidade joanina exigiu maior abertura e constante aprendizagem para conviver com pessoas de mentalidades diferentes. Essa experiência só foi possível por meio da vivência do amor (15,12-15). O grupo de Betânia, cujo sentido em hebraico é casa do pobre, representado por Lázaro, Maria e Marta (11,1-44), retrata bem essa comunidade. Um grupo que acredita na presença de Jesus como portador de vida nova e vive a experiência do amor: uma comunidade de amigos, de pessoas que se amam e cuidam uns dos outros.

Quais os grupos que fazem parte da comunidade joanina?

- *Seguidores do grupo de João Batista* (1,40): os primeiros membros da comunidade vieram do grupo de João Batista. Esse grupo rompeu com o judaísmo oficial, que estava corrompido pelo interesse dos dirigentes na convivência com o Império Romano.

- *Galileus*: a Galileia era uma região desprezada. A sua população era mista, por isso considerada impura pelos dirigentes de Jerusalém. Eram pessoas simples, pobres e menosprezadas (1,44-46). Pessoas que estavam sofrendo com o sistema implantado pelo judaísmo, elas esperavam a vinda do Messias, de um libertador para salvar Israel.

- *Samaritanos*: um grupo que acolhe Jesus (4,39-42). Os samaritanos eram desprezados pelos judeus fariseus por

causa de sua origem. Eles descendiam de uma população mista: judeus e não judeus. Como grupo impuro era mais desprezado que os estrangeiros. É interessante notar que somente no Evangelho de João, Jesus é chamado de samaritano, e ele não reage (8,48). Este fato refere-se às acusações que eram feitas à comunidade por ter pessoas e elementos da espiritualidade samaritana.

- *Judeus que assumiram a proposta cristã*: na comunidade joanina havia também muitos judeus expulsos da sinagoga (9,34), porque aceitaram Jesus como o Messias e Salvador e sua nova proposta de vida (1,39; 11,27). “Se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga” (9,22).

- *Gregos*: alguns estrangeiros começaram a fazer parte da comunidade joanina (7,35; 12,20).

- *Liderança das mulheres*: a presença forte das mulheres como articuladoras da comunidade: A Mãe de Jesus, a Samaritana, Marta, Maria e Maria Madalena, o que provocou conflitos com os judeus fariseus e com outras comunidades cristãs apostólicas.

A comunidade joanina era um grupo de discípulos e discipulas que buscava ultrapassar as barreiras impostas pela Lei, classe social, etnia, sexo, idade etc. A presença forte de samaritanos, estrangeiros e a liderança das mulheres provocou a perseguição pelos dos judeus fariseus.

A situação dos samaritanos, um povo marginalizado e desprezado que acolhe Jesus, era semelhante à situação dessa comunidade. Por professar sua fé em Jesus Cristo, essas pessoas

sofreram várias ameaças, inclusive alguns membros foram mortos (11,16;16,2). Neste contexto de sofrimento interno e externo e na tentativa de manter vivo o projeto de Jesus de Nazaré, nasce o Evangelho de João.

Conhecendo o Evangelho de João

O Evangelho da comunidade de João nasceu do anúncio vivo, da memória de homens e mulheres que guardavam e praticavam os ensinamentos transmitidos por Jesus. É a comunidade viva, com suas lutas e dificuldades, os conflitos vividos com as autoridades judaicas, com o Império Romano e com os seus próprios membros em suas diferentes compreensões da mensagem de Jesus.

Diante das perseguições e das crises internas e externas, a comunidade sentiu a necessidade de reafirmar sua própria fé e definir a sua identidade. Para isso, os autores selecionaram algumas expressões e acontecimentos marcantes da vida de Jesus, com a finalidade de levar os seus primeiros leitores à fé em Jesus como o Messias, o filho de Deus, presente na história: “E o Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” (1,14).

A situação de perseguição levou a comunidade joanina a usar uma linguagem simbólica, mas que lhes era familiar, com imagens tiradas do cotidiano, da tradição judaica e do momento presente. Por exemplo, a apresentação de Jesus é feita através da expressão *Eu sou*, um termo muito conhecido do povo judeu, era o próprio nome de Javé (Ex 3,14). A comunidade acrescenta: “Eu sou o pão da vida” (6,35.48.51), “a luz do mundo” (8,12;9,5), “a porta das ovelhas” (10,7.9), “o bom pastor” (10,11.14); “a ressurreição e a vida” (11,25) e “a verdadeira videira” (15,5). Imagens simbólicas ligadas ao cotidiano da vida das pessoas que revelam o cuidado de Jesus com a vida de seus discípulos e discípulas.

Ao longo do Evangelho de João, há uma grande variedade de imagens simbólicas. Podemos classificá-las em quatro tipos:

- *Símbolos ligados a números*: seis talhas de pedras vazias (2,6), uma referência às seis festas judaicas mencionadas no Evangelho (2,13; 5,1; 6,4; 7,2; 10,22; 11,55). Os cinco maridos da mulher samaritana, lembra os cinco povos que foram deportados de outras regiões para a Samaria (2Rs 17,24).
- *Objetos*: as talhas para a água, o poço de Jacó e o cântaro (2,6;4,12.28): podem ser uma referência à Lei.
- *Natureza*: Videira e os ramos (15,1-2), um símbolo da comunidade.
- *Personagens*: Discípulo Amado, mulher samaritana, Lázaro, Maria de Betânia, Marta e Maria Madalena – representantes das comunidades joaninas.

O uso de símbolos é uma característica marcante do Evangelho de João. Outra característica importante é o jeito de os autores organizarem a estrutura desse livro. Vamos ver como esse livro foi planejado.

Plano do Evangelho

O Evangelho de João pode ser estruturado de várias formas. Nós escolhemos a estrutura que divide o texto em duas grandes partes: a primeira apresenta os sete sinais realizados por Jesus e a segunda, o grande sinal: a entrega de Jesus por amor.

A primeira parte (2,1-11,54) e a segunda parte (13,1-20,29) podem ser divididas pelo tema da hora: a hora não chegou (2,4) *versus*, a minha hora já chegou (13,1). Entre essas duas partes há um texto que marca a passagem de uma para a outra (11,55-12,50), em que vemos que a hora de Jesus se aproxima.

É possível dividir o Evangelho de João da seguinte forma:

Prólogo – 1,1-18: abertura e síntese do livro. No prólogo encontramos um resumo de todos os temas que serão desenvolvidos ao longo do Evangelho.

Seção Introdutória – 1,19-51: uma pequena introdução na qual aparecem João Batista, o seu testemunho a respeito de Jesus e os primeiros discípulos de Jesus.

Primeira Parte – 2,1-11,54: na primeira parte, a hora de Jesus ainda não chegou (2, 4). O Livro dos Sinais apresenta sete sinais, número que significa perfeição. Os sinais indicam a realização do tempo messiânico.

1º Sinal (2,1-12): bodas em Caná.

2º Sinal (4,46-54): a cura do filho de um funcionário real.

3º Sinal (5,1-9): a cura de um paralítico.

4º Sinal (6,1-15): a multiplicação dos pães.

5º Sinal (6,16-21): Jesus caminha sobre as águas.

6º Sinal (9,1-41): a cura de um cego de nascença.

7º Sinal (11, 1-44): a ressurreição de Lázaro.

Passagem: 11,55-12,50 – A hora de Jesus está se aproximando.

Segunda Parte – 13,1-20,29: a hora de Jesus já chegou: “Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai” (13,1). Esta parte é conhecida como o livro da Glorificação. É uma catequese para a comunidade e pode ser subdividida em três unidades:

- Os capítulos de 13 a 17 são chamados o livro da comunidade. Antes de entregar sua vida, Jesus reúne os seus para um jantar de despedida no qual realiza um gesto simbólico e profético: o lava-pés (13,1-20). Nesta ocasião, Jesus faz um discurso de despedida e deixa como herança para a comunidade o novo mandamento do amor mútuo (13,34-35;15,12-17); promete que enviará o Espírito da Verdade (14,26;16,12-15), faz uma avaliação de sua vida e missão e reza ao Pai pela unidade (17).
- Relato da Paixão (18-19): Esta parte culmina com uma última palavra de Jesus: “Tudo está consumado” (19,30).
- Cenas da Ressurreição (20). Privilegia a narração do encontro de Jesus com Maria Madalena (20,11-18).

Epílogo (20, 30-31): a primeira conclusão.

Apêndice (21,1-23): uma nova manifestação de Jesus aos discípulos.

2ª conclusão (21,24-25).

Organização do livro

O Evangelho de João continua desafiando a cada uma de suas leitoras e de seus leitores à vivência do amor até as últimas consequências: "Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (13,1). O único mandamento que encontramos nesse Evangelho é o mandamento do amor: "Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, que vocês se amem uns aos outros!"

(13,34; 15,17). A medida do nosso amor é o amor de Cristo: amar até dar a vida! É um projeto de vida muito exigente! Significa trilhar o mesmo caminho de Jesus assumindo a condição de servo. Jesus declara ser Mestre e Senhor pelo serviço e desafia suas seguidoras e seus seguidores a fazerem o mesmo (13,13-14). Será que estamos dispostos a seguir este caminho de cuidar uns dos outros em nossas comunidades, igrejas, grupos e diversas associações?

Com esse subsídio, propomos nos aproximar do projeto de Jesus a partir de alguns textos selecionados do Evangelho de João. Como discípulas e discípulos, queremos conviver com o Mestre, refazer a nossa experiência de discipulado e dar continuidade ao nosso seguimento de Jesus nos tempos de hoje. O amor é o caminho. É ele que cria, recria, transforma e ressuscita. Entremos nessa caminhada!

Primeiro encontro: entender, a partir da reflexão do episódio das bodas de Caná (2,1-11), *a nova e definitiva aliança* realizada em Jesus. A falta do vinho - alegria, bênção de Deus - simboliza o sofrimento do povo por causa de uma religião ritualista, a ausência de relações de amor e cuidado. Que este encontro nos ajude a reavivar a nossa aliança com o Deus da Vida, a descobrir qual o vinho que falta em nossas comunidades, e possa reforçar o nosso compromisso com a construção de uma sociedade justa e solidária.

Segundo encontro: um convite para nos sentarmos à beira do poço de Jacó e, junto com a mulher samaritana, dialogar com Jesus e aprender dele a superar as barreiras e os preconceitos que nos impedem de sermos irmãs e irmãos uns dos outros. Que tenhamos a coragem de deixar nosso jarro e aprender o que significa adorar em espírito e verdade, e, como fez a mulher samaritana, aprender que *o diálogo é fonte de comunhão e de conversão* (4,1-26.30.39-42).

Terceiro encontro: espelhando-nos no exemplo de Jesus, o bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas, somos convidados a reavivar nosso chamado *a promover e defender a vida ameaçada*, e a rever se a nossa liderança conduz para a liberdade ou para a dependência e passividade (10,1-18).

Quarto encontro: mais uma vez vamos nos debruçar sobre o texto do lava-pés e deixar que o gesto profético de Jesus inspire a nossa vida e missão (13,1-20). Com o tema *amar e servir*, vamos reforçar nossa consciência de que o seguir Jesus implica assumir a prática do amor-serviço e concretizar relações de cuidado recíproco nos meios em que vivemos.

Quinto encontro: o fato de Jesus estar vivo, *presente* na comunidade, é a certeza que impulsionou o seu testemunho cristão e continua nos impulsionando e nos enviando em missão. Que o encontro entre Jesus e Maria Madalena nos conduza a fazer a nossa experiência de ressurreição. E que possamos hoje e sempre proclamar: "Eu vi o Senhor!" (20,11-18).

O Evangelho de João traz o testemunho de uma comunidade que procurou ser fiel ao projeto de Jesus. O texto está em nossas mãos! Que a leitura, o estudo, a reflexão e a oração a partir desse Evangelho nos ajudem a encontrar caminhos para vivenciar o projeto de Jesus, e continuar fazendo espaço para que o Verbo se faça carne entre nós!

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro. Ver o *DVD E "Permaneço no meu amor para dar muitos frutos"*. Uma chave de leitura para o evangelho de João (Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes).

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: A nova e definitiva aliança.

PERSONAGENS: mãe, Jesus, discípulos, serventes, chefe da cerimônia, noivo.

TEXTO: Jo 2,1-11.

PALAVRAS-CHAVE: casamento, vinho, minha hora, seis talhas de pedra de água para a purificação.

PERSPECTIVA: reavivar a nossa aliança com o Deus da Vida assumindo o compromisso de sermos sementes de uma sociedade baseada no amor e na justiça;

Façam o que ele acaso disser. (2,5b)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, velas e seis jarras com suco de uva. Pedir que os participantes tragam fotografias de seu casamento ou de pessoas de sua família.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: É com imensa alegria que queremos iniciar nosso estudo, reflexão e oração da Palavra de Deus. Neste ano, a proposta é aprofundar alguns temas do Evangelho de João. Com a comunidade joanina, queremos fortalecer a nossa fé em Jesus Cristo e aderir ao mandamento novo: "Como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros" (13,34). Que o Espírito de Deus abra nossos corações e conduza os nossos passos neste projeto.

Sugestão de Canto: *Vem, Espírito Santo, vem, vem iluminar!* (bis).

Dirigente: O mandamento novo é que amemos as pessoas seguindo o exemplo de Cristo. Vamos acolher de coração aberto cada pessoa que está aqui presente com um abraço e com uma palavra de carinho. *Se houver alguém que veio pela primeira vez à comunidade ou ao grupo, fazer uma acolhida especial.*

Dirigente: Deus que nos ama com amor incondicional está conosco! Que esta certeza anime a nossa caminhada do dia a dia!

Todos: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: No encontro de hoje, vamos refletir e rezar a partir do texto das bodas de Caná, uma festa de casamento em uma aldeia da Galileia. A festa de casamento é uma ocasião muito importante na vida de um casal. A cerimônia é preparada e combinada com muito cuidado. A recepção é minuciosamente organizada pelos noivos e familiares e tudo é revisto para que não falte nada e as pessoas convidadas se sintam bem. É momento de celebrar e fortalecer os laços com os familiares, com as pessoas amigas e com a comunidade.

Dirigente: Podemos colocar no centro as fotografias de casamento que trouxemos e dizer o que significa o casamento. Quais os sentimentos que a celebração do casamento provoca em nós? *Espaço para a partilha.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo de Jesus como hoje, o casamento era um acontecimento muito importante na vida das aldeias da Galileia; envolvia todos: é a festa da fraternidade e do amor! No Antigo Testamento, a festa de casamento era usada para expressar e simbolizar o amor e a aliança de Deus com o seu povo (Is 54,6-7). É numa festa importante assim, que Jesus realiza seu primeiro sinal (milagre) em favor das pessoas necessitadas.

Leitora ou leitor 3: Na festa não podia faltar o vinho. Era uma bebida muito comum nas refeições e muito importante na vida do povo da Palestina. Por isso, o vinho era símbolo do amor e da alegria, considerado como dom e bênção de Deus (Dt 7,13). Na Bíblia, a falta de vinho simbolizava o

sofrimento do povo e a quebra da aliança com Deus. Vamos dialogar com o texto das bodas de Caná, que a comunidade de João contou para descrever seu problema e sua orientação.

5. Leitura do texto

Dirigente: Com o desejo de renovar nossa aliança com Deus, vamos acolher, em nosso coração, a sua Palavra cantando:

É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa. Tua palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal.

Tenho medo de não responder, de fingir que não escutei. Tenho medo de ouvir teu chamado, virar do outro lado e fingir que não sei.

Tenho medo de não perceber, de não ver teu amor passar. Tenho medo de estar distraído, magoado e ferido e então me fechar.

Leitora ou leitor 4: Ler Jo 2,1-11.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual a personagem e o ponto que mais chamaram sua atenção?
- b) Por que a mãe percebeu que faltava vinho na festa?
- c) Qual a realidade da comunidade de João que transparece por trás do texto das bodas de Caná?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Jesus utilizou a água e seis talhas de pedra que os judeus fariseus usavam para os ritos de purificação. Segundo eles, a salvação de Deus vinha somente pela observância rigorosa da Lei, em vez da prática da solidariedade e do serviço ao próximo. A religião ritualista aprisionava o povo. Jesus Cristo, salvador, transforma a água das talhas, usadas nos rituais de purificação, em vinho bom, que é símbolo da vida plena. Atenção: o milagre da vida acontece com a participação das pessoas sensíveis e solidárias como a mãe de Jesus e os serventes. Diante do nosso chamado à vida cristã podemos nos perguntar:

- a) O que significa falta de vinho hoje?
- b) De que forma somos solidários/as diante de tantas realidades de desamor e opressão em nosso meio?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Nesse momento, com confiança, expressemos as nossas preces e nosso agradecimento a Deus que caminha conosco. Que o seu amor possa orientar as nossas ações cotidianas e que não falte o vinho - a sua bênção em nossa caminhada. *Cada pessoa, ao formular a sua prece, poderá encher um copo de suco e deixar na mesa. Ao concluir as preces, de mãos dadas, rezar o Pai-nosso.*

Dirigente: Vamos olhar os copos cheios e agradecer por todas as bênçãos que Deus nos concede. *Momento de silêncio.* Pensemos também nas vezes que esse vinho é desperdiçado, na situação de desamor que vivenciamos em nós mesmos, em nossas comunidades e na sociedade em geral. *Momento de silêncio.* Agora, vamos tomar esse suco como sinal de nosso

compromisso com a construção de uma sociedade pautada pelas regras do amor e da solidariedade.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Jo 4,1-30.39-42, e, quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

- Escolher uma ação concreta diante das faltas de vinho que há na comunidade.

10. Bênção final

Dirigente: Que o Deus do amor e da ternura, presente em cada pessoa possa continuar habitando em nossos corações. Deus Pai-Mãe nos abençoe hoje e sempre.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: a festa de casamento

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, e aí estava a mãe de Jesus. Também Jesus foi convidado para o casamento junto com os seus discípulos. Faltou vinho, e a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho” (2,1-3).

Após o prólogo (1,1-18), o Evangelho de João introduz o testemunho de João Batista, a formação dos primeiros membros

da comunidade e a história de Jesus que se revela ao mundo, mediante as sete obras, ou seja, milagres, que o Evangelho chama de sinais (1,19-11,54). O primeiro sinal acontece no contexto da festa de casamento, em uma aldeia da Galileia: “Este foi o princípio dos sinais, e Jesus o fez em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele” (2,11).

Como é característico do evangelho de João, a narrativa das “bodas de Caná” é carregada de simbolismo e teologia: “casamento”, “vinho”, “mulher”, “minha hora”, “seis talhas de pedra de água para a purificação”, “o mestre da cerimônia” etc. A linguagem simbólica é rica e inesgotável em sua interpretação, mas exige conhecimento dos símbolos do contexto cultural do povo no qual o texto é escrito. Em João, os significados de seus símbolos devem ser compreendidos, em grande parte, a partir do Antigo Testamento.

Ontem, como hoje, a festa de casamento, que o Evangelho de João situa a primeira obra de Jesus, registra um momento significativo na vida de um casal, de seus familiares, de amigos, de comunidades: encontro, amor, laço, compromisso, aliança, fraternidade, celebração, confraternização e, enfim, a vida. O livro de Tobias, por exemplo, narra a festa de casamento de Tobias com Sara:

Raquel disse à sua mulher para fazer muitos pães. Foi ao curral, escolheu dois bois e quatro carneiros, e mandou preparar tudo. E começaram os preparativos. Depois chamou Tobias e lhe disse: “Durante catorze dias você não sairá daqui, mas ficará em minha casa, comendo e bebendo comigo e alegrando o coração da minha filha, que estava tão abatida. Depois você pegará a metade do que é meu e voltará são e salvo para seu pai” (Tb 8,19-21).

O casamento é a festa da relação de amor que, abençoada pelas famílias e pelo mesmo Deus, gera alegria e vida. No tempo do Antigo Testamento, o casamento era celebrado durante sete dias com banquetes de confraternização, e, nesta ocasião, o noivo pagava o dote ao pai da noiva. No livro de Tobias, contrário ao costume, Raguel, o pai de Sara, preparou catorze dias de festa e ofereceu o dote ao noivo por causa de tanta alegria pelo casamento, que libertou sua filha, que havia sofrido sucessivas tragédias (Tb 3,7-17).

A história de Tobias e Sara mostra que o casamento fortalece e amplia a relação familiar: uma aliança para congregar as pessoas, gerando vida. No movimento da restauração de Israel, após a tragédia do exílio (597-538 a.C.), a retomada da aliança de Deus com seu povo é, também, simbolizada pela imagem de núpcias. No Terceiro Isaías (Is 56-66), lemos:

Ninguém a chamará Abandonada, e sua terra não terá mais o nome de Desolada. Pelo contrário, você será chamada Minha Delícia, e sua terra terá por nome Desposada, porque Javé vai amar você, e sua terra será desposada. Pois, como o jovem se casa com uma virgem, seus filhos se casarão com você. Como o esposo que se alegra com a esposa, seu Deus se alegrará com você (Is 62,4-5).

A imagem de casamento é o símbolo da aliança entre Deus e seu povo. É a restauração da feliz união com Deus, que gera a produção, o fruto, a bênção e a alegria: “Aqueles que colhem o trigo também o comerão, louvando a Javé. Aqueles que colhem as uvas também beberão o vinho nos átrios do meu santuário” (Is 62,9). O trigo, o vinho, a vida e a alegria no ato religioso de agradecimento a Deus! Aqui, a imagem do vinho é

sinal do dom de Deus para a alegria e a prosperidade das pessoas.

No Antigo Testamento, o vinho é símbolo frequente de alegria e de amor: “O vinho que alegra o coração do homem” (Sl 104,15; cf. Jz 9,13); “Recordemos seus amores mais do que o vinho! Pois agradável é apaixonar-se por você” (Ct 1,4). O vinho é, também, o símbolo do banquete messiânico da salvação de Deus: “Javé dos exércitos vai preparar no alto deste monte, para todos os povos do mundo, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos refinados” (Is 25,6). E mais ainda: a abundância de vinho é o sinal do tempo messiânico da salvação! (Am 9,13-15).

Nas bodas de Caná é exatamente o vinho, símbolo do amor de Deus e de sua salvação, que está faltando, um relato fortemente simbólico. Acabar o vinho é uma lástima. Falta a alegria, a felicidade e a vida na festa da comunidade. Ou seja: a manifestação do amor e da glória de Deus para o povo estava desaparecendo no tempo da comunidade joanina. A Aliança está quebrada! Então, o que estava acontecendo com o povo? Qual era a causa? No relato das Bodas, há “seis talhas de pedra vazias”, o que pode indicar excessiva preocupação com rituais, dogmas e doutrinas e descuido do amor e do cuidado mútuo como causas que aprisionam e dificultam o amor e a união de Deus com o povo.

No tempo da comunidade joanina, por volta do ano 95 d.C., os judeus fariseus, chefes religiosos judaicos, exigem a observância rigorosa da lei do puro e do impuro como meio de obter a bênção e a salvação de Deus, multiplicando os ritos de purificação e as leis. Havia no total 613 leis a serem observadas! As pessoas que não cumpriam as leis eram condenadas como “impuras” diante de Deus, perseguidas (15,20), torturadas e expulsas da sinagoga, centro comunitário dos judeus (16,2). Consequentemente, elas ficavam sujeitas à perseguição do

Império Romano, que reconhecia os judeus fariseus como único grupo representativo do povo judeu. O Evangelho de João é o único escrito que teve sua redação final após a expulsão da sinagoga. Fora da sinagoga, o grupo que segue Jesus não tem sua religião reconhecida pelo Império e perde seus direitos de cidadania. Ser desligado da sinagoga significa ter o nome proscrito, riscado da lista das famílias judias.

Na religião oficial, administrada pelos judeus fariseus, a água em seis talhas de pedra servia para os ritos de purificação dos judeus. Simboliza a observância religiosa das leis do puro e do impuro, transformando a vida do povo numa vida sem alegria. A vivência do amor foi substituída pelo ritualismo, dogmatismo e pelas leis do puro e impuro. A aliança fora rompida, e era preciso restaurar a união de Deus com o povo. O texto, que foi acrescentado ao livro de Oseias na desolação e destruição do exílio, anuncia a nova aliança de Israel com Javé:

Naquele dia, farei em favor deles uma aliança com os animais do campo, com as aves do céu e com os répteis da terra. Exterminarei da terra o arco, a espada e a guerra. Então, vou fazê-los dormir na segurança. Eu me casarei com você para sempre. Eu me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. (Os 2,20-21).

No exílio, o grupo profético propõe a nova aliança com Deus “na justiça e no direito, no amor e na ternura”. Anima e fortalece a esperança do povo. A comunidade joanina, como o povo judeu exilado, vive a mesma situação: tempo de opressão, perseguição e desolação. Qual a proposta da comunidade joanina para animar seus membros? De que forma ela deve restaurar a aliança de Deus com o povo “na justiça e no direito, no amor e na ternura”?

A resposta da comunidade está na palavra e na prática de Jesus de Nazaré. A comunidade aponta Jesus, aquele que dá a esperança e a vida. É por isso que o Evangelho de João inicia o Livro dos Sinais – primeira parte do Evangelho – apresentando uma releitura da vida de Jesus. O primeiro sinal está no texto das bodas de Caná. Para refletir a prática da comunidade joanina, que transforma a água da purificação em vinho, vamos dialogar com o texto.

Comentando o texto: Jo 2,1-11 - As bodas de Caná

Uma festa de casamento numa aldeia é um acontecimento que marca o primeiro dos sete sinais, realizados por Jesus. É um sinal importante para entender os demais sinais, bem como todo o Evangelho de João: é a inauguração do tempo messiânico, da nova e definitiva aliança em Jesus Messias: “Este foi o princípio dos sinais, e Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (2,11).

O palco da inauguração do tempo messiânico, de maneira simbólica, é preparado logo na primeira frase da narrativa: “Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia” (2,1). Na Bíblia, o terceiro dia é o momento da manifestação de Deus: é o dia da entrega da Lei ao povo (Ex 19,11.15.16), como também o dia da salvação de Deus (Os 6,2). É no terceiro dia que Deus ressuscitou Jesus (2,18-19). O primeiro sinal em Caná é o começo de um novo tempo: da nova aliança com Deus “na justiça e no direito, no amor e na ternura”. (Os 2,21).

E mais ainda: o sinal das bodas de Caná acontece três dias após os quatro dias iniciais, ou seja, no sétimo dia do relato de uma semana que abre a atividade de Jesus (1,19-51). Bem como o Gênesis (Gn 1,1-2,4a), com uma semana, a comunidade joanina apresenta também as atividades de Jesus como a realização de uma nova criação: a nova comunidade daqueles

que acreditam em Jesus como salvador e seguem a sua prática de amor, igualdade, serviço, liberdade e fraternidade. Na narrativa das bodas de Caná, a inauguração dessa comunidade com a nova aliança com Deus é apresentada através de vários objetos e personagens simbólicos.

A primeira personagem mencionada é a mãe de Jesus: ela estava lá (2,1). Em seguida, ficamos sabendo que Jesus foi convidado, bem como os seus discípulos. A presença da mãe recebe um destaque especial no início e no fim da missão de Jesus (2,1; 19,25-27). A mãe de Jesus não é mencionada pelo nome, pois o interesse principal é a apresentação de quem é Jesus.

Nessa festa de casamento falta vinho! Na região da Palestina se produzia muito vinho, por isso era uma bebida muito comum e importante nas refeições. O vinho era símbolo do amor e da alegria, considerado como dom e bênção de Deus (Dn 7,13; Jl 2,24). A mãe, como perspectiva crítica dos limites da religião oficial, toma a iniciativa e avisa a Jesus, ela não faz pedido algum, apenas afirma: "Eles não têm mais vinho!" A resposta de Jesus nos causa estranheza: "Mulher, que temos a ver com isso? Minha hora ainda não chegou" (2,4). O termo "mulher" é um tratamento normal para uma senhora (19,26; 20,13.15).

A expressão "que queres de mim" mostra que há interesses diferentes ou mesmo suspense (2Sm 19,23; Mc 1,24), mas não hostilidade ou desprezo. Com essa frase, Jesus afirma sua plena autonomia diante de sua missão (7,1-13; 11,3-6). Ao afirmar "a minha hora ainda não chegou", Jesus sugere que esta ação é apenas um sinal, mas não a obra final, que acontecerá quando chegar a sua hora: o momento da entrega de sua vida (13,1).

A mãe cheia de confiança afirma: "Façam o que ele acaso disser." Mesmo não sabendo qual é o projeto de Jesus, ela exorta aos serventes para que acolham e sigam as indicações de Jesus.

A palavra usada para serventes é “diáconos”, termo que quase não aparece nos escritos, mas era comum nas comunidades cristãs para indicar serviço à comunidade. A presença da “mãe” e dos “servos”, com espírito de sensibilidade, abertura e serviço, na narrativa da inauguração do tempo messiânico, é muito significativa. Na história da Bíblia, as mulheres e os homens sensíveis à realidade e abertos ao próximo ajudam a renovar a aliança com Deus.

No contexto da renovação da aliança, a recomendação da mãe aos servos pode representar uma alusão às palavras do povo no Sinai: "Faremos tudo o que Javé mandou" (Ex 19,8). Nesta cena, a mãe representa o Antigo Israel fiel ao projeto de Deus. É uma parcela do povo que compreende que a antiga aliança foi desvirtuada, há excesso de leis – muita água - e pouco vinho - pouca vida. A antiga aliança não está trazendo vida para as pessoas, Jesus inaugura a aliança nova com a proposta de vida plena.

Da mesma forma que Maria estava lá, também havia seis talhas de pedra, de duas ou três medidas, cerca de oitenta a cem litros cada uma. De acordo com o Talmude (literatura rabínica), as talhas deviam ser de pedra, por causa da pureza. Será que elas estavam aí por causa das purificações rituais tão valorizadas pelo judaísmo farisaico? Essas talhas estão vazias, sem utilidade, e agora irão servir para uma nova realidade. Jesus manda que eles encham as talhas com água. A água no judaísmo também é um símbolo da Torá, como também as talhas de pedra, que lembram as tábuas de pedra em que foi escrita a Lei (Ex 31,18; 32,15). Água tem bastante, o que falta é o vinho, símbolo da alegria messiânica.

Outro elemento interessante é o fato de haver seis talhas de pedras. O número seis significa algo incompleto, por oposição ao número sete, que indica a totalidade. Seis é também o número das festas apresentadas no evangelho de João, sendo três

páscoas: 2,13; 6,4; 11,55; uma festa anônima: 5,1; a festa das tendas: 7,2; a da dedicação do templo: 10,22. Essas festas, como as talhas, estão vazias. As autoridades judaicas transformaram as festas em momento de exploração e opressão justificadas pela Lei. As festas e a Lei de purificação são imperfeitas, não trazem vida em plenitude. Elas serão substituídas pela Páscoa de Jesus, a festa da vitória do amor sobre a morte (19,42).

A água foi levada ao chefe da cerimônia, que ao provar exclamou que o vinho bom foi guardado até agora! (2,10). Esse vinho trazido por Jesus é o restabelecimento da relação de amor entre Deus e o povo. A cena de Caná está em oposição à Lei: "A Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (1,17). O vinho bom é oferecido ao chefe da cerimônia, representando os dirigentes judaicos que mostram desconhecimento de onde provém este vinho, ou seja, não reconhecem a Jesus: a Palavra "veio para os que eram seus, mas os seus não a receberam" (1,11).

Olhando para a cena de Caná, podemos ver que a Mãe representa o Israel, que sente falta do vinho, enquanto o chefe da cerimônia representa os judeus que estão preocupados com a água para a purificação. A Mãe é o grupo que é sensível e solidário, vê a necessidade do povo, que acredita e espera pelo Reino de Deus. Mas o chefe da cerimônia, ou seja, os dirigentes judaicos estão satisfeitos e querem, a todo o custo, manter a antiga aliança, que já está vazia, e não traz vida e alegria.

O motivo principal do conflito no episódio das bodas de Caná é a Lei, simbolizada pelas talhas de pedra vazias. A Mãe quer, avisa e ensina uma religião com mais vida e amor em vista de uma sociedade na qual todas as pessoas tenham vida em abundância (10,10), ao passo que o chefe da cerimônia prefere manter a ordem vigente. Essa posição será encontrada em todo o Evangelho de João: de um lado, os judeus que acreditam e aderem ao projeto de Jesus e, de outro, os grupos que rejeitam

qualquer mudança e defendem seu Sistema. E nós, qual a posição que assumimos em nossa vida e em nossas comunidades.

Aprofundando: Os sete sinais - Jesus soberano e libertador

A comunidade joanina organiza a primeira parte do livro em sete sinais (2,1-11,54). Os sinais escolhidos evidenciam a soberania de Jesus ao narrar seu agir como o Senhor e Messias em resposta ao Império Romano e aos judeus fariseus que perseguem as comunidades cristãs. Ao mesmo tempo, os sinais descrevem a proposta de Jesus: um projeto de vida plena que considera a realidade e a necessidade concreta das comunidades. Eis aqui os sete sinais e as propostas:

1) *Bodas de Caná*: “A mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não tem mais vinho’. Jesus respondeu: ‘Mulher, que temos a ver com isso? Minha hora não chegou’” (2,3-4). A comunidade joanina apresenta Jesus como o messias soberano que transforma, sem a presença do mestre da cerimônia, a água da purificação ritual no vinho do amor de Deus. Todavia, a “hora” de Jesus, ou seja, o estabelecimento da nova aliança com Deus atingirá o seu auge na cruz (13,1; 19,30).

2) *Cura do filho do funcionário real*: “O funcionário do rei disse: ‘Senhor, desce, antes que meu filho morra!’ Jesus lhe disse: ‘Pode ir. Seu Filho está vivo’. O homem acreditou na palavra que Jesus lhe disse e foi embora” (4,49-50). Segundo o evangelho de João, diferentemente de Mateus e de Lucas, o pai que pede a cura do filho é o funcionário real. Ele dá ordens para

que Jesus desça a Cafarnaum para curar seu filho. Jesus, o verdadeiro senhor, critica a atitude dos donos do poder, que obrigam e manipulam o povo. O segundo sinal, assim, ensina que a vida não depende do poder, mas depende sim, do seguimento da palavra de Jesus.

3) *Cura do enfermo na piscina de Betesda*: “Estava aí um homem, cuja doença já durava trinta e oito anos. Jesus viu o homem deitado e ficou sabendo que aí estava fazia muito tempo. Então lhe disse: ‘Você quer ficar bom?’ (...) Jesus disse: ‘Levante-se, pegue sua maca e ande’” (5,5-6.8). Jesus soberano toma a iniciativa e oferece a cura ao homem doente sem que este a peça. Esse homem está na porta da piscina rodeada de cinco colunatas onde funcionam as escolas dos fariseus. Ou seja: as cinco colunatas simbolizam os cinco livros da Lei; com eles os fariseus interpretam, impõem, controlam, paralisam e excluem os pobres da salvação e da vida. Esse terceiro sinal expressa a liberdade e a vida que brotam da água viva, a palavra de Jesus.

4) *A multiplicação dos pães*: “Jesus ergueu os olhos e viu uma grande multidão que ia ao seu encontro. Então disse a Filipe: ‘Onde vamos comprar pão para que eles possam comer?’ Jesus falou assim para testar Filipe, pois sabia muito bem o que ia fazer” (6,5-6). A comunidade joanina, diferentemente dos Evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc), apresenta bem Jesus soberano: ele mesmo observa a fome do povo, sabe de antemão o que fazer e distribui o pão. Neste quarto sinal, o Evangelho ensina que a distribuição dos bens

da vida deve acontecer dentro do projeto da partilha, da solidariedade e da gratuidade de Deus, e não segundo a lógica do acúmulo e da ganância dos poderosos.

5) *Jesus caminha sobre o mar*: “Soprava vento forte e o mar estava agitado. Os discípulos tinham remado uns cinco ou seis quilômetros, quando viram Jesus andando sobre o mar e chegando perto do barco. Ficaram com medo. Jesus, porém, lhes disse: ‘Sou eu. Não tenha medo’” (6,18-20). Como no quarto sinal, relacionado com a narrativa do maná no deserto (Ex 16), a comunidade joanina apresenta Jesus como o novo Moisés na travessia do mar para sair da terra da escravidão (Ex 14,15-31). Na narrativa, Jesus soberano declara: “Sou eu”. É uma expressão que evoca o nome do Deus libertador (Javé: Ex 3,14-15). Javé, Deus da vida, reside na palavra e prática de Jesus que vence os poderes do mal (18,5-6).

6) *A cura de cego de nascença*: “Ao passar, Jesus viu um homem que era cego desde o nascimento. Seus discípulos perguntaram: ‘Rabi, quem foi que pecou, para ele nascer cego? Foi ele, ou foram seus pais?’ Jesus respondeu: ‘Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas isso aconteceu para que a obra de Deus se manifeste nele’” (9,1-3). No sexto sinal, Jesus, novamente, se apresenta como um senhor soberano, que sabe e pensa em realizar o sinal da cura. É o senhor da vida que desmascara e julga os que mantêm o povo na “cegueira” e na exclusão: “Eu vim a este mundo para realizar um julgamento, a fim de que vejam os que não estão vendo, e os que estão vendo se

tornem cegos” (9,39). A cegueira é não ver a pessoa necessitada, mas ver apenas o pecador (9,1-2).

7) *Ressurreição de Lázaro*: ““Nosso amigo Lázaro está dormindo. Eu vou lá para acordá-lo’. Os discípulos lhe disseram: ‘Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar’. Jesus estava falando da morte de Lázaro, mas eles pensavam que estivesse falando do sono comum. Então Jesus lhes falou claramente: ‘Lázaro está morto. E eu me alegro por não ter ido lá antes, para que vocês acreditem. Vamos agora ao encontro dele’” (11,11-15). No último sinal, o Evangelho apresenta a glória do Deus da vida, na obra mais expressiva da prática libertadora de Jesus: passar da morte à vida pelo amor e solidariedade. É a obra que aponta o grande sinal: a própria morte e ressurreição de Jesus. Todas as pessoas, que acreditam em Jesus como o senhor da ressurreição e da vida, devem lutar para que todos tenham a vida em abundância.

Todos os sinais apresentam Jesus soberano e libertador. A soberania de Jesus aparece mais fortemente no livro da Glorificação: nos relatos da paixão, morte e ressurreição: Jesus mesmo se entrega, e sua soberania derruba os guardas (18,1-9); diante de Pilatos, fala com autoridade e afirma sua realeza (18,28-40); Jesus Cristo ressuscitado demonstra seu poder sobrenatural (20,19-29).

Tudo indica que Jesus soberano, descrito no Evangelho de João, não é o Jesus histórico, mas sim o Jesus ressuscitado. Os Evangelhos recordam os principais fatos e palavras de Jesus, à luz da ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Narram a vida de Jesus para orientar e animar os cristãos. As palavras e as obras de Jesus foram relidas, reinterpretadas e transmitidas a partir da realidade e da caminhada de cada comunidade.

Com as palavras e as obras de Jesus soberano, a comunidade joanina deseja orientar e animar seus membros, sofridos e ameaçados pela perseguição do Império Romano e dos judeus fariseus: “Neste mundo, vocês terão aflições, mas tenham coragem: eu venci o mundo” (16,33). O poder do Senhor ressuscitado é maior e mais forte do que o do mundo! Na missão, o espírito do Senhor Jesus Cristo atua na comunidade: “Jesus lhes disse de novo: ‘A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês’. Tenho falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: ‘Recebam o Espírito Santo’” (20,21-22).

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: O diálogo é fonte de comunhão e de conversão.

PERSONAGENS: Jesus e a mulher samaritana.

TEXTO: Jo 4,1-30.39-42.

PALAVRAS-CHAVE: poço, água viva, sede, judeus e samaritanos.

PERSPECTIVA: romper as barreiras que nos impedem de acolher e amar as pessoas em sua diversidade étnica, cultural, social e religiosa.

Se você conhecesse o dom de Deus, e soubesse quem está lhe dizendo: “Dê-me de beber”, você é que lhe pediria. E ele daria água viva para você (4,10)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores, uma vasilha com água, copos vazios e fotos ou recortes de revistas e jornais que apresentam situações sociais diferentes, grupos de várias culturas, por exemplo: negros, índios, brancos, asiáticos etc., e pessoas de várias idades.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciando nosso encontro vamos nos acolher mutuamente com um abraço e uma palavra de boas-vindas! *Tempo para os cumprimentos.* Deus é presença viva em cada irmã e em cada irmão e também na sua Palavra. Vamos abrir o nosso coração para que a sua Palavra se torne vida em nossa vida. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre a nova e definitiva aliança realizada em Jesus Cristo, uma aliança de amor que cabe a nós darmos continuidade. Em mutirão, vamos fazer memória do que nós aprendemos no primeiro encontro. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: Hoje, vamos nos sentar junto ao poço de Jacó e acompanhar o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, procurando perceber quais os preconceitos que nos impedem de amar as pessoas. O tema desse encontro é: *O diálogo é fonte de*

comunhão e conversão (convidar as pessoas para repetir o tema). Dispondo nossa mente e o nosso coração para superarmos nossas resistências e divisões, cantemos:

Converte o meu coração, eu quero recomeçar. Ensina-me a ser irmão dos pobres e oprimidos. Confesso o meu egoísmo, eu penso demais em mim, teu sim para mim é não, e, se dizes que não, eu insisto que sim.

Converte o meu coração aos pobres a quem tanto amas, a ser também pobre me chamas, converte o meu coração.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: O jornal francês Charlie Hebdo, em Paris, foi invadido no dia 7 de janeiro de 2015. Doze pessoas foram mortas por muçulmanos radicais. Eles queriam se vingar de autores que faziam piada com o profeta Maomé, o mensageiro de Deus para o Islamismo. Após esse ataque, alguns religiosos muçulmanos em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso foram hostilizados de diversas formas: pedradas, cuspidas, ignorados em locais públicos e alvo de piadas maldosas. A Mesquita Brasil, maior templo muçulmano do país, foi pichada em São Paulo. Em Minas Gerais, uma jovem de 27 anos foi cuspada enquanto brincava com seu filho no clube da cidade. O agressor ainda gritou: "Assassina! Ninguém quer você aqui". Na periferia de São Paulo, outra jovem indo para uma consulta médica levou uma pedrada acompanhada da frase: "Maldita muçulmana".²

² *Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas.*
<http://ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em 26/1/2015.

Dirigente: Muitas pessoas desconhecem a religião muçulmana e têm sua opinião formada apenas pelo que veem nos noticiários de televisão que, em geral, mostram somente os grupos radicais. As formas de preconceitos são muitas contra pessoas ou grupos diferentes. Nós já sofremos alguma forma de preconceito? Quais foram os nossos sentimentos? Nós já fizemos alguém sofrer por causa de nossos preconceitos? Como acolhemos as pessoas de outras religiões? *Tempo para a partilha.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A comunidade de João relata o encontro de Jesus com os samaritanos, um povo considerado desprezado e considerado impuro. Segundo o Antigo Testamento, após a queda da Samaria, em 722 a.C., a Assíria deportou parte da população da cidade, trazendo povos de cinco países diferentes para habitar na região e com o tempo a população foi se misturando (2Rs 17,24; Jo 4,16-18). Com a consolidação da lei do puro e impuro, no tempo de Neemias e Esdras (450-350 a.C.), os samaritanos foram rejeitados. Para piorar a situação, o templo que eles construíram no monte Garizim foi destruído pelos judeus (128 a.C.). A inimizade e a hostilidade entre judeus e samaritanos foram reforçadas após 70 d.C., quando os fariseus, guardiães da Lei, tornaram-se as únicas autoridades religiosas dos judeus. Eles consideravam os estrangeiros e as mulheres como impuros!

5. Leitura do texto

Dirigente: Vamos nos preparar para nos colocar ao lado do poço de Jacó e receber da água viva que Jesus continuamente nos oferece. Juntos vamos rezar, cantando:

Eu te peço desta água que tu tens, és água viva meu Senhor.

Tenho sede, tenho fome de amor e acredito nesta fonte de onde vens.

Vem de Deus, está em Deus também é Deus e Deus contigo faz um só.

Eu, porém que vim da terra e volto ao pó, quero viver eternamente ao lado teu.

És água viva, és vida nova e todo dia me batizas outra vez, me fazes renascer, me fazes reviver e eu quero água desta fonte de onde vens.

Leitora ou leitor 3: Se possível, encenar o texto: Jo 4,1-30; 39-42.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Como aconteceu esse encontro entre Jesus, homem judeu, e a mulher samaritana?
- b) Quais as barreiras que Jesus e a mulher tiveram de superar para que acontecesse o encontro entre eles?
- c) Quais as atitudes de Jesus e quais as da mulher para superar as barreiras?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Para acontecer um encontro verdadeiro entre as pessoas, é importante a atitude de abertura e de diálogo. Jesus e a mulher samaritana são pessoas necessitadas: ambos têm sede de vida. Na comunidade joanina existem vários grupos, como samaritanos, gregos, judeus,

homens e mulheres, pobres e ricos. Mas a luta pela vida é mais forte e une as pessoas.

- a) A exemplo da mulher samaritana, qual o jarro que precisamos deixar para sairmos ao encontro das pessoas?
- b) Quais as dificuldades que encontramos no dia a dia e como superamos?
- c) Como é a nossa convivência com as pessoas de outros grupos religiosos?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vivemos em uma sociedade com muitas diferenças sociais e culturais. O encontro entre Jesus e a mulher samaritana continua nos desafiando para romper as barreiras que nos impedem de ir ao encontro das pessoas que são diferentes de nós. Nós queremos beber da água viva e queremos que outras pessoas também bebam desta água. Nesse momento, cada pessoa poderá encher o copo de água, beber, e expressar com palavras qual a realidade que quer acolher ou modificar em sua vida. *Encerrar esse momento com a oração do pai-nosso e refrão de um canto sugerido pelo grupo.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Jo 10,1-18, e, quem puder, leia as orientações em preparação ao terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

- Ver quais as pessoas que são discriminadas na comunidade ou no bairro e procurar entender a realidade delas.

10. Bênção final

Dirigente: Fazer um círculo e, em silêncio, olhar para as pessoas que estão ao redor, abençoá-las com o olhar. Em seguida invocar a bênção de Deus rezando:

Javé o abençoe e o guarde!

Javé, lhe mostre o seu rosto brilhante e tenha piedade de você!

Javé, lhe mostre o seu rosto e lhe conceda a paz! (Nm 6,24-26).

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: Os samaritanos

Chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe disse: “Dê-me de beber”. A mulher samaritana lhe disse: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?” (4,7-9).

No tempo de Jesus de Nazaré, os samaritanos, que habitavam entre a Galileia, ao norte, e a Judeia, ao sul, eram considerados “impuros” e “inimigos” dos judeus. Por isso, os judeus, ao irem à Galileia, passavam pelo outro lado do rio Jordão, para evitar a hostilidade dos samaritanos (cf. Lc 9,51-55). As comunidades de Mateus, que eram constituídas, em sua maioria, por judeus cristãos, recomendavam a seus missionários

para não entrarem nas cidades dos samaritanos por não serem o Israel autêntico (Mt 10,5). Era uma relação difícil, na qual havia desconfiança, preconceito, hostilidade e rejeição.

Para compreender como nasceu a divergência e a hostilidade entre os judeus e os samaritanos, temos de voltar à história de Israel. O Antigo Testamento registra vários conflitos entre a tribo de Judá, sul, e as tribos do norte, que seriam os antepassados dos samaritanos. Porém, deve-se ter muita atenção na leitura dos livros históricos do Antigo Testamento, cujos autores são do grupo do sul.

Os autores apresentam uma releitura da história a partir das fontes existentes. Eles reorganizam os fatos, modificando-os, por vezes, em função de seus objetivos, interesses e ideologia. Eis aqui alguns acontecimentos narrados pelo grupo do sul para demonstrar suas divergências e conflitos com o grupo do norte e, posteriormente, com os samaritanos.

Um dos acontecimentos importantes para compreender o surgimento dos “samaritanos” foi a queda da Samaria, em 722 a.C.

Ao nono ano do reinado de Oseias, o rei da Assíria tomou Samaria e deportou os israelitas para a Assíria. Os israelitas foram levados para Hala, às margens do rio Habor em Gozã, e também para cidades da Média. O rei da Assíria mandou vir gente de Babilônia, de Cuta, Ava, Emat e Sefarvaim, e os estabeleceu nas cidades da Samaria, em lugar dos filhos de Israel. Tomaram posse de Samaria e se instalaram em suas cidades (2Rs 17,6.24).

Após a tomada de Samaria, capital do reino do norte, a Assíria deportou, segundo os anais assírios, 27.920 israelitas, e promoveu diversas colonizações sucessivas no interior da

Samaria. Nas colonizações, os novos habitantes se misturaram com os habitantes locais, ou seja, israelitas, e introduziram na terra do norte seus costumes, crenças e cultos, o que provocou a reação negativa do grupo do sul. No tempo de Neemias e Esdras, por volta do ano 400 a.C., os descendentes dessa população mista eram chamados de "inimigos" (Esd 4,1), sobretudo pelas autoridades religiosas de Jerusalém que os discriminaram e os odiaram.

Historicamente, o mesmo destino de destruição estava reservado para o grupo do sul. Em 597 a.C., os babilônios saqueiam a cidade de Jerusalém e seu templo, e deportam o rei Joaquim, sua família e seus altos funcionários. Na Babilônia, este grupo constituiu a “Golá”, o grupo elite dos deportados que mantiveram o projeto centralizador do Estado e, após o exílio, retornariam à Palestina, estabelecendo um governo centralizador, conhecido como teocracia.

Dez anos depois da primeira deportação (587 a.C.), a Babilônia invadiu novamente Jerusalém por causa da rebeldia de Sedecias, o rei nomeado pela Babilônia. Desta vez, a tragédia foi muito maior: a destruição de Jerusalém, do templo, o massacre dos governantes, a deportação e o desaparecimento do reino do sul. Mas em Judá a vida continua...

O exército caldeu que acompanhava o comandante da guarda Nabuzardã destruiu as muralhas que cercavam Jerusalém. Nabuzardã exilou o restante do povo que tinha ficado na cidade, os desertores que tinham passado para o lado do rei da Babilônia e o restante da população. O chefe da guarda deixou uma parte do povo pobre da terra para trabalhar nas vinhas e nos campos (2Rs 25,10-12).

A narrativa dos autores do sul, ligados à elite exilada para a Babilônia, dá a impressão de que quase todo o povo de Judá tinha ido à Babilônia. Na realidade, a maioria dos pobres da terra, denominação usada pelos profetas do norte e do sul (Am 2,6-7; 8,4-6; Sf 2,3), ficou vivendo na terra deixada pela elite exilada, sob a autoridade da Babilônia. Sem a presença de seus governantes, os camponeses do sul e do norte trabalharam, conviveram e se organizaram de forma mais descentralizada nas aldeias comunitárias. Uma das referências religiosas desses remanescentes era Masfa, antigo santuário do Israel pré-monárquico, que carregava a memória da sociedade tribal (cf. Jz 20,1; 1Sm 7,5; 10,17; Jr 40,7-12). O povo das aldeias comunitárias era constituído por uma diversidade de etnias, costumes e crenças na terra de Israel, durante o exílio.

Todavia, após o exílio, o povo que permaneceu na terra sofreria novamente com o governo centralizador: o retorno da Golá. Com o apoio do Império Persa, novo dono da terra de Israel, o grupo elite dos exilados retornou à Judeia e constituiu o governo teocrata, com o templo e a lei do puro e do impuro, explorando os camponeses remanescentes, agora chamados "o povo da terra" (Esd 4,4). Jerusalém, com o templo e as muralhas reconstruídas, reconquistou sua posição de poder central 56 província da Pérsia. Especialmente com a chegada de Esd sacerdote-escriba, o cumprimento da lei do puro e do impuro em Judá foi fortalecido e consolidado: o monoteísmo de Javé, o povo santo, a raça pura, os dízimos e as ofertas para o tempo de Jerusalém.

Com a consolidação da teocracia monoteísta em Jerusalém, os camponeses remanescentes se empobreceram, sofreram e levantaram o grito de desespero: "Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus não dá importância a essa infâmia" (Jó 24,12). Os camponeses de Judá, que queriam viver de modo descentralizado das aldeias com o

santuário de Masfa, migraram para as cidades de Samaria. Construíram o templo no monte Garizim, cerca de 328 a.C., que tornaria o lugar de referência para todos os camponeses opostos ao governo de Jerusalém (Zc 11,14). Daí o surgimento do povo chamado "samaritano", desprezado, odiado e hostilizado pela autoridade teocrata de Jerusalém (Eccl 50,25-26).

Na história posterior, o conflito entre os judeus e os samaritanos emerge diversas vezes. Num dos conflitos, João Hircano, rei dos judeus, da dinastia dos “asmoneus”, em torno de 128 a.C., invadiu e devastou o território de Samaria, destruindo o templo de Garizim, circuncidou a população à força e impôs a submissão ao Templo de Jerusalém. A hostilidade entre os dois povos persistiria até no tempo do Novo Testamento. Diante da rejeição dos samaritanos, os discípulos de Jesus reagem: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para destruí-los” (Lc 9,54).

O preconceito e o ódio contra os samaritanos aumentaram ainda mais no tempo da comunidade de João. O nome "samaritano" era usado como insulto! Era o tempo pós-destruição de Jerusalém (70 d.C.), no qual os judeus fariseus, defensores severos da lei do puro e do impuro, estavam consolidando seu poder como autoridade religiosa judaica. No Evangelho de João, cuja comunidade era perseguida pelos judeus fariseus, Jesus foi insultado ao ser chamado de samaritano e de endemoninhado (8,48).

Nas comunidades joaninas, a presença dos samaritanos é marcante; por exemplo, só em João temos a conversão de toda uma aldeia de samaritanos (Jo 4)! O evangelista organiza seu relato e destaca este povo em contraposição aos judeus fariseus. Em Jo 3, o chefe fariseu Nicodemos foi procurar a Jesus à noite, e a mulher samaritana encontra Jesus em pleno meio-dia. Enquanto Nicodemos não entende as palavras de Jesus, a samaritana o compreende e proclama: “tu és um profeta” (4,19).

Para refletir sobre o tema da diversidade étnica e religiosa, vamos dialogar com a comunidade joanina, à luz do capítulo 4,1-30.39-42.

Comentando o texto: Jo 4,1-30.39-42 - Jesus e a mulher samaritana

Com Jesus e a mulher samaritana, queremos aprender a ir além das aparências e ser capazes de deixar o *nosso jarro* ou cântaro. Logo no início, ficamos sabendo da preocupação dos fariseus com o avanço da missão de Jesus: a prática da vivência concreta do amor. Por isso, ele resolve deixar a Judeia e ir novamente para a Galileia. "Era preciso passar pela Samaria" (4,3-4). Havia outro caminho: o outro lado do rio Jordão, passando por fora de Samaria (cf. Mc 10,1). A expressão "era preciso" indica a opção de Jesus: ele vai ao encontro de um povo discriminado e desprezado.

A Samaria era considerada uma região impura por causa da origem mista do povo e também das várias religiões. Havia inimizade e rejeição entre judeus e samaritanos. Um dos piores insultos era chamar alguém de samaritano (cf. 8,48). As brigas entre judeus e samaritanos vem de longe e foram muitos os momentos de conflitos; porém um momento crucial foi quando os judeus destruíram o templo samaritano do monte Garizim, em torno de 128 a.C. Entre os anos 6 e 9 d.C., alguns samaritanos espalharam ossos humanos no templo de Jerusalém, durante as festas da Páscoa. Havia muitos ressentimentos entre eles.

É exatamente nessa região que Jesus se encontra, em Sicar, uma cidade da Samaria. Aí se senta junto à fonte de Jacó. Um poço carregado de muitas memórias, algumas remontam às origens do povo de Israel, bem antes do conflito entre judeus e samaritanos. Esse poço era o único na região, usado desde o ano 1000 a.C. até por volta de 500 d.C. O poço era imprescindível

para a vida dos pastores e de seus rebanhos; era um lugar de encontro, de repouso e de abastecimento (cf. Gn 16,13-14; 21,25-31; 26,19-22). Ao redor do poço, as pessoas se reuniam para celebrar a vida (Jz 5,11) e também para discutir (Gn 26,19; Ex 2,16-17). Existia uma ligação muito forte entre o poço e as mulheres (Gn 16,1-15; 24,10-27; Jo 4,6-7).

Jesus está sentado junto à fonte por "por volta da hora sexta!", ou seja, meio-dia; a mesma frase também é usada na hora da condenação de Jesus (4,6; 19,14). Não sabemos de onde vem a mulher e nem mesmo qual é o seu nome. Ela representa o povo samaritano. Jesus lhe faz um pedido: "Dê-me de beber" (4,7). A mulher estranha o pedido de Jesus: "Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?" (4,9). O narrador explica a estranheza da mulher: os judeus não aceitam os samaritanos.

A conversa começa em torno da água corrente, mas vai se aprofundando. Jesus afirma ter uma água viva (4,10). A mulher não consegue entender a resposta de Jesus. Em meio ao mal-entendido, a samaritana pede: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem precise vir aqui tirá-la" (4,15). Ela ainda está presa ao sentido da água corrente, porém a conversa toma outro rumo quando Jesus lhe disse: "Vai chamar seu marido e volte aqui".

Qual a relação entre água viva e marido? Marido pode ser uma referência aos diversos cultos que havia entre o povo samaritano. Quando as elites da Samaria foram deportadas, os assírios colocaram na cidade cinco povos diferentes e cada um trouxe consigo seus costumes e sua religião (cf. 2Rs 17,24-31). O sexto marido pode ser a imposição da religião oficial de Jerusalém desde o tempo de João Hircano (128 a.C.). O texto aponta para uma nova forma de adoração: "os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade" (4,23).

Rejeita-se a religião oficial tanto de Jerusalém quanto de Garizim.

A mulher, representando o povo samaritano, também espera o Messias. Diante de sua abertura, acontece a revelação: "Eu sou esse Messias, eu que estou falando com você" (4,26). A mulher deixou o cântaro e foi para a cidade com a certeza de que Jesus é o Messias.

No encontro entre Jesus e a mulher samaritana, podemos observar que primeiro ela o chama de judeu, em seguida, de profeta e, ao deixar o cântaro, chama-o de homem, eliminando a barreira étnica, vendo nele a possibilidade de ser ele o Cristo (4,9.19.29); no final os samaritanos afirmam: "Este é, de fato, o salvador do mundo" (4,42). A salvação de Jesus é universal: é o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (1,29; cf. 3,16-17; 12,47). Alguns samaritanos acreditaram, por causa do testemunho da mulher; porém "muito mais pessoas acreditaram em Jesus por causa da palavra dele" (4,41).

Havia muitos samaritanos nas comunidades cristãs, como também muitas pessoas estrangeiras, uma realidade conflitante e difícil de aceitar, sobretudo para os judeus cristãos, enraizados na tradição judaica. Portanto, a história do encontro entre Jesus e a mulher samaritana é uma forma de voltar às raízes da proposta cristã e abrir-se para os outros povos, romper com os preconceitos e discriminações de etnia, origem, religião, gênero e idade.

O poço, a água viva, o cântaro são imagens usadas para falar da Lei. A conversa de Jesus com a mulher samaritana passa do tema do poço para o da água viva que Jesus tem para oferecer. Nesse contexto, Jesus se coloca no lugar da Lei e oferece a todos a água viva que conduz à vida eterna (4,10.13; 7,37-39). Ainda hoje há muitas barreiras que nos impedem de nos aproximar das pessoas que estão ao nosso redor. A leitura e a

reflexão desse texto continua nos desafiando. É preciso deixar o cântaro!

Aprofundando: Mulheres na liderança

A comunidade joanina tem um projeto muito concreto: todas as pessoas são chamadas a ter vida, e vida plena (10,10). Uma comunidade mista, formada por judeus que aderiram à proposta cristã, samaritanos, estrangeiros, mulheres, doentes, escravos e libertos. Ela procura viver o amor e o acolhimento na vivência do dia a dia. E nessa comunidade é muito marcante a presença das mulheres, discípulas fiéis realizando e construindo a nova aliança. Entre as mulheres, encontramos a Mãe de Jesus (2,1-12; 19,25-27), a mulher samaritana (4,1-42), Marta (11,17-27), Maria de Betânia (12,1-8) e Maria Madalena (20,11-18). Essas mulheres são apresentadas como modelos de seguimento de Jesus. Vejamos como foi o discipulado delas?

- *Maria, mãe e mulher solidária:* nas bodas de Caná e no calvário, a mãe de Jesus é tratada pelo filho como “mulher” (2,4; 19,26). Esse é um jeito de dizer que, nesses textos, ela não é uma personagem individual, mas representa a comunidade de Israel que acolhe Jesus e permanece fiel. Maria é *mulher* de iniciativa, sensível, solidária e mãe que está a serviço do Reino. Ao pé da cruz, a Mãe aparece ao lado de outras mulheres e do discípulo amado. Ela está ligada à comunidade por ser mãe e discípula, é exemplo de abertura e fidelidade dinâmica ao projeto de Deus.
- *A samaritana, mulher que tem sede:* esta mulher representa o povo da Samaria, que era marginalizado por sua origem mista: judeus e outros povos. Esta mulher é marginalizada por sua origem e por sua crença religiosa (4,7.9). A

samaritana acolhe e anuncia o Salvador e Messias entre o seu povo (4,39). É exatamente esta mulher que Jesus escolhe para anunciar a boa-nova ao seu povo. Por causa do testemunho da mulher, muitos samaritanos acreditaram (4,39). A samaritana é uma mulher aberta, sedenta e disposta a beber da água viva, características essenciais para o discipulado.

- *Marta, trabalhadora sensível e acolhedora*: essa mulher vive um processo de amadurecimento de sua fé. Ela supera sua crença em Jesus como aquele que tem o poder de fazer milagres (11,22), reconhece que a ressurreição está acontecendo no tempo presente: *Eu sou a ressurreição e a vida* (11,25) e acredita *em Jesus como o Cristo, o Filho de Deus* (11,27). No Evangelho de Mateus (16,16-17), quem faz esse ato de fé é Pedro: “Tu és o Messias, o Filho de Deus”. Nos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, há um reconhecimento da autoridade apostólica. Ao colocar a confissão de fé nas palavras de Marta, a comunidade joanina está superando a tendência hierárquica presente nas igrejas apostólicas. Ao mesmo tempo, está afirmando a sua identidade: uma comunidade de discípulos e discípulas, de homens e mulheres que acreditam em Jesus presente, vivo e atuante na comunidade.
- *Maria de Betânia, a amada*: Maria é uma mulher conhecida na aldeia (11,1), era amada por Jesus (11,5). O seu discipulado tem a marca inconfundível do amor. Ela é mulher que ama e se deixa amar. A sua capacidade de amar é expressa em gestos: unge os pés de Jesus com perfume e os enxuga com seus cabelos (12,3); mulher disponível para ir ao encontro de Jesus (11,29); chora a morte do irmão (11,31-33). O gesto de ungir os pés de Jesus com perfume é

um gesto gratuito de amor e tem uma dimensão profética. É o anúncio da morte e ressurreição de Jesus. E mais, ela é discípula que, por amor intui a ordem de Jesus de lavar os pés dos discípulos (13,14).

- *Maria Madalena, ama, insiste e busca o Senhor*: por amor a Jesus, essa mulher o busca continuamente, mas Jesus também vai ao seu encontro. Ela é a primeira a ter um encontro pessoal com o Ressuscitado. Ela recebe a missão de anunciar Jesus a seus irmãos (20,17). Ela é a primeira testemunha da ressurreição (20,18). Ela recebe a missão de anunciar a ressurreição aos discípulos. Ela anuncia e encoraja a comunidade que estava amedrontada, de portas fechadas (20,19). O seu amor motiva sua busca e persistência até encontrar o Senhor. É discípula fiel porque ama.

A imagem da mulher é usada para simbolizar a comunidade por dois motivos:

- 1º) Na comunidade de João, a presença de mulheres na liderança é muito significativa. Em meio às dificuldades, elas continuam fiéis, animando as pessoas na caminhada. Elas não desanimam. São mulheres corajosas, capazes de denunciar a situação de opressão vivida por seu povo. Não se calam, nem se acomodam diante do sofrimento.
- 2º) Nesse período, por volta do ano 90 d.C., as comunidades cristãs em sua organização estavam se institucionalizando, com uma acentuada tendência machista e excludente (1Tm 2,9-15). Portanto, o Evangelho de João é um grito, um protesto contra a limitação da participação ativa das mulheres na vida e organização das comunidades. É o

testemunho de uma comunidade que não se resigna a uma vivência ritualista, mas busca ser fiel à prática concreta do amor solidário em todas as dimensões.

A comunidade joanina tem força para enfrentar a perseguição, a tortura e a morte porque tem uma vivência intensa do amor, de um amor que gera igualdade, uma comunidade de irmãs e irmãos, um ambiente de discípulos e discípulas. A caminhada no seguimento de Jesus torna real a vivência do amor: *Amem-se uns aos outros* (15,17).

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: Chamadas e chamados a ser pastores uns dos outros.

PERSONAGENS: Jesus e os ouvintes.

TEXTO: Jo 10,1-18.

PALAVRAS-CHAVE: pastor, ovelhas, porta, ladrão, assaltante, mercenário, vida.

PERSPECTIVA: Rever como exercemos a liderança em nossas comunidades.

O bom pastor chama cada uma de suas ovelhas pelo nome e as conduz para fora. (10,3)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela e preparar papel para que cada pessoa possa escrever o próprio nome.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos o nosso encontro com a certeza de que Jesus, o bom Pastor, continua conduzindo a nossa caminhada em busca de vida plena. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: No encontro anterior, sentamo-nos junto ao poço de Jacó na companhia de Jesus e da mulher samaritana, procurando rever em nós mesmos quais os preconceitos que nos impedem de acolher as pessoas como irmãs e irmãos. Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: Como pessoas cristãs, somos chamadas a seguir os passos de Jesus, o bom Pastor. A partir da vida e prática de Jesus, queremos rever como estamos vivendo o nosso compromisso cristão. Nesse momento, somos convidadas/os a escrever nosso nome, renovando nossa firme decisão de assumir o projeto do bom Pastor. *Depois de escrever os nomes, ler, em voz alta, o tema do encontro:*

Todas/os: *Chamadas e chamados a ser pastores uns dos outros!*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: *Era noite de Natal e eu estava com minha mãe Dona Lourdes, inconsciente no hospital. À meia-noite, fiz as orações que costumávamos rezar juntos e, em seguida, fiquei em silêncio, meditando. Cerca de meia hora depois, um milagre aconteceu: a porta do quarto se abriu e por ela entrou uma luz especial. Era o padre Afonso, que veio me visitar e ficou comigo por um bom tempo. Admirado, eu lhe perguntei: "Mas como? Com tantas pessoas ao seu redor e você aqui?" Com simplicidade, ele me respondeu: "Eu festejei com as pessoas amigas, comi alguma coisa e depois pensei: agora eu vou para a gruta de Belém... e aqui estou!" Emocionado, Edvaldo finaliza o seu relato afirmando: "Eu não consigo explicar, mas esta visita me deu muita força, colocou-me de pé!"*

Dirigente: O bom pastor é aquele que vai ao encontro das pessoas necessitadas, não importando as circunstâncias. É preciso estar atentos às pessoas que estão ao nosso redor e sair de nosso comodismo e egoísmo. Somos chamados a defender a vida nas mais diversas circunstâncias. *O que a atitude do padre Afonso nos ensina? Tempo para a partilha. Encerrar este momento cantando o refrão:*

Sou bom Pastor, ovelhas guardarei. Não tenho outro ofício, nem terei. Quantas vidas eu tiver eu lhes darei.

1. Maus pastores, num dia de sombra, não cuidaram do rebanho; se perdeu. Vou sair pelos campos, reunir o que é meu conduzir e salvar.

2. *Verdes prados e belas montanhas hão de ver o pastor, rebanho atrás. Junto a mim as ovelhas terão muita paz poderão descansar.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A imagem do pastor aparece muitas vezes na Bíblia. No Antigo Oriente, pastor era um título dado para os reis e governadores, que tinham o dever de defender e conduzir o povo. No tempo do Evangelho de João, Jesus é apresentado como o bom pastor que veio para dar a vida por suas ovelhas em oposição ao mercenário, que rouba, destrói e mata. Por trás desse texto, está o conflito entre a comunidade cristã e as autoridades judaicas, de tendência farisaica, que buscam seus próprios interesses.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito Santo que ilumine as nossas mentes e os nossos corações para acolhermos a Palavra de Deus em nossa vida. Cantemos:

Eu vim para escutar...

Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor.

Eu gosto de escutar...

Eu quero entender melhor...

O mundo ainda vai viver...

.

Leitora ou leitor 3: Ler Jo 10,1-18.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quais as características do bom Pastor?
- b) Como age aquele que não é pastor?
- c) O que significa a frase: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância"?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O bom Pastor dá a vida por suas ovelhas e busca a vida plena para as pessoas: Ele veio para que as pessoas tivessem vida em abundância, o que significa condições dignas de vida. Ouvir a voz do Pastor é engajar-se no mesmo projeto. É comprometer-se com o projeto da justiça até o fim.

- a) Como assumimos a liderança em nossas comunidades?
- b) Em nossa prática pastoral, o que significa conhecer as pessoas pelo nome?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vamos rezar pedindo a Deus que ilumine a nossa caminhada. Nesse momento, podemos pegar um nome que está à nossa frente e destacar qual a característica de bom pastor ou boa pastora que essa pessoa possui e o que nós queremos para a nossa comunidade. *Tempo para as preces. Encerrar esse momento com o refrão de um canto escolhido pelo grupo.*

Dirigente: Somos enviadas/os para continuar a missão de Jesus: a construção do Reino de Deus. Que o Deus da vida nos dê forças para continuarmos nesta caminhada. Juntos rezemos a oração do pai-nosso.

Todas/os: *Pai-nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Jo 13,1-20, e, quem puder, leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

- Fazer uma revisão de como exercemos a nossa liderança cristã, e ir ao encontro das pessoas que nós *não conhecemos pelo nome* ou deixamos de lado no dia a dia.

10. Bênção final

Dirigente: Deus, que é Pastor, nos dê a graça de exercermos a missão de portadores/as de vida em abundância. Que o Deus da paz nos abençoe hoje e sempre.

Todas/os: Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: Compreendendo a imagem do Pastor

Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho minha vida pelas ovelhas (10,14-15).

A imagem do pastor, frequente na Bíblia, surgiu do trabalho cotidiano do povo do Antigo Oriente. A tarefa de pastorear era assumida pelos membros da família, sobretudo pelos homens, por causa dos riscos de enfrentar feras e outros perigos, como assaltos e roubos. As mulheres e as crianças cuidavam do rebanho somente nas proximidades da casa (Ex 2,16-17; 1Sm 16).

Os pastores deviam ser prudentes, pacientes e dedicados. No verão, era muito difícil encontrar novas pastagens e manter o equilíbrio entre o pastoreio, o abastecimento de água, o descanso e a viagem. O pastor devia cuidar incansavelmente dos animais indefesos. As feras e os bandos de salteadores quase sempre atacavam os rebanhos (Gn 31,39; 1Sm 17,34-37).

No Antigo Oriente, o rei é comparado ao pastor. O título de pastor era comum para os governadores na Assíria e na Babilônia. O uso dos verbos conduzir e pastorear era comum para falar da ação de governar. O título de pastor era uma honra, especialmente por suas características de cuidado e proteção. Neste sentido, Ezequiel, profeta exilado para a Babilônia junto com o rei Joaquin, na primeira deportação (597-587 a.C.), critica o rei Sedecias e seus governantes de Jerusalém por seus abusos e descuidos com seu rebanho:

Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmo! Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar? Vocês bebem o leite, vestem a lã, sacrificam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho. Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não curam as que estão doentes, não tratam as feridas daquelas que sofrem fratura, não trazem de volta aquelas que se desgarraram e não procuram aquelas que extraviaram. Pelo contrário,

vocês dominam sobre elas com violência e opressão (Ez 34,2-4).

Para apascentar o rebanho, o grupo de Ezequiel apresenta Javé mesmo como o pastor do seu povo: “Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas. Como o pastor conta seu rebanho quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei minhas ovelhas, e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros” (Ez 34,11-12).

No exílio, surge a promessa de que o próprio Javé-pastor dará ao seu povo o messias-pastor, como Davi que liberta seu povo e o reúne em um só rebanho: “Providenciarei um só pastor para cuidar de minhas ovelhas. Será o meu servo Davi. Ele cuidará delas, e será seu pastor” (Ez 34, 23). Segundo o grupo de Ezequiel, Javé, por meio do seu Messias como rei, governará seu povo. É o messias rei, que as autoridades religiosas judaicas pregariam ao longo dos anos posteriores até o tempo do Novo Testamento. Na época de Jesus, por exemplo, o povo judeu sonhava com um messias pastor como o rei Davi, que poderia estabelecer o reinado definitivo de Israel, derrotando os romanos e expulsando os governantes corruptos e opressores.

No exílio, os camponeses, chamados “pobres da terra” (Am 8,4; Sf 2,3), também foram deportados para a Babilônia, na segunda deportação (587 a.C.). O grupo não teve a mesma sorte dos primeiros deportados junto com Ezequiel; foi tratado como escravo e despojo de guerra. A Babilônia “não teve compaixão dele e colocou um jugo pesado nos ombros dos anciãos” (Is 47,6). “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram! Estão com a língua seca de sede” (Is 41,17). Os deportados estavam cansados e enfraquecidos sem esperança no futuro (Is 40,29). Levavam uma vida de prisioneiros como semiescravos!

Em meio à realidade de sofrimento e de abandono, os pobres da terra também sonham com Javé como pastor: “Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Todavia, enquanto o grupo de Ezequiel apresenta o messias como o rei Davi, os pobres da terra propõem o messias servo para proteger e conduzir seu povo sofrido:

Vejam meu servo, a quem eu sustento. Ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro (Is 42,1.6-7).

O grupo dos pobres da terra lança um olhar sobre a história e constata que há muitos anos o povo vem sendo oprimido pela tirania dos grandes impérios e explorado pelos próprios governantes da monarquia. A partir de sua memória das aldeias comunitárias e também de sua experiência da sobrevivência comunitária dos exilados escravos, o grupo projeta uma nova liderança - a do “Servo”, com características diferentes dos tiranos e dos reis injustos: uma liderança baseada no amor, na ternura, na gratuidade, na não violência; na justiça, na solidariedade e, sobretudo, no maior cuidado com os sofridos, imagem que os cânticos do servo nos apresentam (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11). O messias servo dá até sua própria vida por amor ao seu povo (Is 53,12).

Nos Evangelhos sinóticos, as comunidades cristãs compreendem e apresentam o seguimento de Jesus no caminho do messias servo: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si

mesmo, carregue sua cruz e me siga” (Mc 8,34). A fidelidade ao amor e à justiça do Deus da vida leva Jesus à perseguição, à cruz e até à morte. Sua prática como o messias servo é do carinho e do amor de um pastor: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

No Evangelho de João, Jesus é descrito, mais diretamente, como o bom Pastor, com características do messias servo (10,1-18). Ele conhece as suas ovelhas e elas o conhecem, e ninguém pode arrebatá-las de sua mão. Como os pobres da terra no exílio da Babilônia, a comunidade sofrida de João sonha e reza para que seja conduzida e protegida por Jesus, o bom Pastor.

Comentando o texto: Jo 10,1-18 - Eu sou o bom Pastor

A narrativa do bom Pastor tem como pano de fundo o conflito com os fariseus, as autoridades religiosas do tempo do Evangelho de João, como está descrito no capítulo anterior, no episódio do cego de nascença (Jo 9). O modo de agir dos fariseus está em conflito com as obras de Jesus. Eles, que se julgam líderes dos judeus e donos de Deus e da Escritura, perseguiram e expulsaram o cego - seguidores/as de Jesus - da sinagoga, centro comunitário dos judeus. No final desse episódio, os fariseus são condenados como falsos pastores: "cegos" e "pecadores" (9,41), eles veem um cego não como uma pessoa que necessita da solidariedade, mas como um pecador; aqui eles são chamados de “ladrões” e “assaltantes” na narrativa do bom Pastor.

Diferentemente da narrativa da cura do cego de nascença, com a longa discussão entre o cego e os fariseus, João apresenta, logo na primeira cena da narrativa do bom Pastor, a parábola da porta do redil (10,1-6). É uma parábola que nasce no cotidiano da vida do campo: de manhã, o pastor chama cada ovelha pelo nome para levá-la para a pastagem e, à tarde, ele reúne o rebanho

num recinto para a noite. Nesta parábola, o autor descreve as características e os deveres do bom Pastor e de seus seguidores:

- a) “Ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome” (10,13): Chamar a pessoa pelo nome, na Bíblia, significa um relacionamento de amor e de comunhão: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu” (Is 43,1; Jo 20,16). Conhecer as ovelhas e ser reconhecido por elas são virtudes fundamentais da liderança de ontem e de hoje. “O pastor tem de sentir o cheiro de suas ovelhas”, afirmou recentemente o Papa Francisco.
- b) “Ele as conduz para fora e caminha na frente delas” (10,3-4): O bom Pastor conduz suas ovelhas às pastagens verdejantes e as protege contra seus predadores e ladrões. Entrega até a própria vida em favor de suas ovelhas. Ontem e hoje, o bom pastor é a imagem do líder que conduz, apascenta e protege a vida do povo e, ao mesmo tempo, é uma advertência contra a liderança que assume esta posição por seus próprios interesses de lucro, poder e vaidade, e que, na dificuldade, abandona suas ovelhas.
- c) “Elas nunca vão seguir um estranho” (Jo 10,5): As ovelhas devem ouvir a voz do seu pastor, sem se deixar seduzir ou enganar pela voz dos estranhos. Para os cristãos, Jesus é seu pastor. Seguindo sua palavra e prática, eles podem encontrar a plenitude da vida.

Ao contrário do bom Pastor, os falsos pastores são chamados de ladrões e assaltantes, termos associados a uma ação violenta, ou seja, arrebatar, flagelar, roubar, o que também acontecia nas sinagogas (Mt 10,17; Jo 16,2). Flávio Josefo, historiador judeu do século I d.C., e os rabinos usavam esses termos para falar dos métodos empregados pelos zelotas e outros

grupos nacionalistas, em suas práticas de guerrilhas. Nos Evangelhos, esses termos designam os assaltantes e bandidos que roubam, machucam e matam as pessoas (Mc 15,27; Mt 27,44; Lc 10,30; Jo 18,40).

Enfim, os termos “ladrão” e “assaltante” são usados para enfatizar o uso da força, da ação violenta de entrar no curral para roubar, destruir e matar as ovelhas. E, na realidade, é uma prática das lideranças político-religiosas contra o povo no tempo da comunidades joaninas. Elas não estão preocupadas com a vida do povo, mas com a segurança de suas instituições e do poder, para manter seus próprios interesses e privilégios.

A descrição sobre o contraste entre a maneira de Jesus, bom Pastor, agir e a das autoridades judaicas junto com o Império Romano é ampliada e detalhada na segunda cena, marcada pelos dois discursos: Jesus é a porta das ovelhas (10,7-10); Jesus é o bom pastor (10,11-18).

No primeiro discurso, a afirmação mais importante é a “eu sou a porta”. De que porta se trata? Da porta do redil... Aprofundando o contexto bíblico, a “porta” de uma cidade ou de uma aldeia era um importante espaço da vida cotidiana, era o local de comércio e também do tribunal. Acontecia ali muita injustiça: “Eles odeiam aqueles que se defendem na porta e têm horror de quem fala a verdade. Porque esmagam o fraco, cobrando dele o imposto do trigo. (...) Pois eu sei como são numerosos seus crimes e graves seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados junto à porta” (Am 5,10-12).

“Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes” (10,8). Os fariseus, os adversários por excelência das comunidades joaninas, perseguiram e expulsaram os cristãos da sinagoga, deixando-os na pobreza, na miséria e no risco de morte. Os conflitos com os fariseus eram, portanto, não só na teologia, mas também no cotidiano da vida: comércio, trabalho,

justiça etc. Jesus é porta. Os autênticos pastores são aqueles que entram pela porta de Jesus: porta da gratuidade, da partilha e da justiça que faz brotar a vida: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (10,10).

No segundo discurso, o tema principal é aprofundar a qualidade fundamental do bom Pastor: “Eu sou o bom Pastor” (10,11a). Só nesse momento Jesus se apresenta de maneira explícita como o “bom pastor”. A afirmação de Jesus “Eu sou” evoca a apresentação de Deus a Moisés na sarça ardente como “Eu sou” (Ex 3,14). É próprio nome de Javé! Portanto, a obra de Jesus “Eu sou” é divina e autêntica com as imagens conhecidas: porta, pão da vida, pão descido do céu, caminho, verdade e vida.

Jesus, o “Eu sou”, que conduz as ovelhas até os pastos, demonstra ser o autêntico guardião do rebanho, como o bom pastor na hora do perigo, aquele que não foge, mas arrisca a própria vida para defender o seu rebanho. A figura de oposição é a do assalariado, com a finalidade de excluir aqueles que almejam o título de pastor. Da mesma forma que os ladrões, os salteadores e os estranhos ficaram desqualificados como pastores, a mesma realidade se dá com o mercenário.

Em Jo 10,12-13 a imagem do mercenário aparece de maneira negativa. Na vida rural da Palestina, os pastores contratados eram comuns, e deles se exigia que fizessem todo o possível para afastar os animais selvagens. Conforme a Mishná, as opiniões rabínicas, em caso de descuido, os mercenários eram obrigados a reparar os danos materiais. O relacionamento entre os mercenários e as ovelhas era mediado somente pelo econômico, por isso, eles não criam vínculos amorosos com elas. Nesse contexto, a imagem do bom pastor torna-se ainda mais apaixonante: é aquele que está profundamente unido, por laços de amor e amizade, às suas ovelhas. Podemos nos perguntar: como ficam os dirigentes políticos e religiosos que, em nome da Lei, expulsam o povo da sinagoga (9,22.34; 12,42) e se

preocupam unicamente em manter seus próprios interesses? (11,48)

A imagem do lobo assaltando os rebanhos é aplicada aos falsos profetas e doutores (Mt 7,15; At 20,29). Jesus envia seus discípulos no meio de lobos (Mt 10,16; Lc 10,3), ou seja, em situações difíceis, de perseguição e risco de vida. Em Jo 10,12, aparece duas vezes a palavra lobo para se referir às ameaças que a comunidade, as pessoas, simbolizadas pelas ovelhas, estão expostas. Ao mesmo tempo, o texto aponta que a fonte de vida e proteção está em Jesus, o verdadeiro pastor.

A imagem do bom pastor estabelece relação de conhecimento e amor recíprocos com suas ovelhas: "Eu sou o bom Pastor: conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas" (10,14-15). Jesus estabelece com as pessoas relações de amizade e confiança. Conhecer significa ter relações de intimidade e de comunhão. É o amor que cria a união: "Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (13,1; 16,27; 17,26).

A relação de amor entre Deus Pai e seu filho são o modelo e o fundamento da comunhão entre Jesus e os seus. João 10,27-30 mostram que Jesus conhece as ovelhas que o seguem. Mas o vínculo permanente que une as suas ovelhas está fundamentado no Pai, que cuida para que ninguém as roube. A partir da unidade com o Pai, Jesus pode cumprir sua missão. Não é um conhecimento teórico-racional, mas uma compreensão que conduz a uma nova volta ao Deus que elege e salva (Os 11,1-4). Jesus dá a vida pelos seus, porque os conhece e os ama.

A missão do Pastor é conduzir também as outras ovelhas que não são deste curral (10,16). Aqui, o olhar da comunidade vai além do pequeno grupo que se encontra no ambiente judaico; mas tem um horizonte amplo que inclui os samaritanos, os gregos, os romanos, enfim, todas as pessoas que aceitam o

projeto de vida de Jesus em todos os lugares e em todos os tempos.

A condição do Pastor, própria de Jesus, atinge o seu ponto culminante: "O Pai me ama: porque eu dou a minha vida para retomá-la de novo" (10,17). Jesus assume o projeto do Pai (6,39). A memória dos gestos de amor faz a comunidade identificar Jesus com Deus Pai. Dar a vida é um gesto máximo de liberdade e amor até o fim. A liberdade de Jesus e o seu compromisso com a defesa da vida ameaçada provoca o ódio dos dirigentes judaicos (7,1.19; 8,37.40).

Jesus é livre diante da entrega de sua vida (3,35; 13,3). Existe uma forte relação de intimidade entre Jesus e o Pai, marcada pelo amor e o respeito. O Pai nada força. É da relação entre Jesus e o Pai que brota uma nova relação entre Jesus e aquelas e aqueles que o Pai lhe confiou. Note bem: Jesus é o bom Pastor, mas não é o dono do rebanho (10,29; 17,12). Ele é a porta, o caminho... (10,9; 14,6). Jesus não é o ponto de chegada, mas a passagem. O seu pastoreio se realiza na liberdade. O seu sonho é que os seus tenham vida plena, que é saúde, educação, família, comida, casa, lazer, convivência humana na igualdade e na fraternidade; enfim, que cada pessoa viva de maneira digna.

Jesus propõe um único mandamento: amar até o extremo (10,18; 13,1). Esse mandamento é vivenciado por Jesus, que o transmite às comunidades joaninas: "Amem-se uns aos outros" (13,34; 15,12.17) É o amor que cria e renova a comunidade: "Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos" (13,35). O amor fortalece a comunidade e a impulsiona a trabalhar em busca de mais vida para todas as pessoas.

"Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente. Tenho poder de dar a vida e tenho poder de recebê-la" (10,18). Dessa forma, a comunidade apresenta Jesus rompendo com o poder e a hierarquia. A entrega de sua vida gera nova vida. O poderio de

Jesus se desdobra em gestos de amor e serviço. Lembrem-se da famosa cena do lava-pés: Jesus tira o manto e coloca a toalha. O manto é símbolo do poder. A toalha significa serviço. Ao voltar para a mesa, ele retoma o manto, mas não tira a toalha. É apenas um detalhe, mas pleno de significado: o poder só tem sentido se está a serviço bem comum.

Na última cena da narrativa (10,19-21), a comunidade joanina apresenta a reação dos ouvintes diante dos discursos, ou seja, a reação dos fariseus e seus seguidores: “Muitos diziam: ‘Ele tem um demônio! Está louco! Por que vocês o escutam?’ A reação de rejeição! Demonizar é a melhor maneira de contestar e rejeitar seu inimigo. Os chefes das sinagogas rejeitam Jesus e oprimem o povo, cuidando apenas do seu interesse e poder que sua função proporciona.

Mas outros diziam: “Essas palavras não são de um possesso; será que um demônio poderia abrir os olhos de cegos?” (10,20-21). Ou seja, como diz o cego de nascença: “Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas aquele que o respeita e faz a sua vontade, a este Deus ouve. Nunca se ouviu falar de ninguém que tenha aberto os olhos de alguém que nasceu cego. Se esse homem não tivesse vindo de Deus, não poderia fazer nada” (9,31-33). A obra de Deus, que cria e alimenta a vida, desafia os seus opositores.

Hoje, Jesus bom Pastor e “Eu sou” continua agindo no meio de nós, sobretudo no meio das pessoas injustiçadas e empobrecidas. O projeto do bom Pastor é muito claro, objetivo e exigente: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (10,10). Seguir o bom Pastor é dar continuidade a esse projeto; é tornar vivo o sonho de Deus para todas e todos. Assim, cabe a nós o desafio de ser conduzido por Jesus: O Senhor é o meu pastor, nada me faltará...

Aprofundando: A origem de Jesus e a sua humanidade

Ao ler o Evangelho de João, percebe-se que a comunidade, na discussão e no conflito com os judeus fariseus e com o Império Romano, salienta a soberania e a divindade de Jesus. Nesse Evangelho, Jesus aparece aclamado com a afirmação da divindade e da realeza. Desde o prólogo, lemos: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (1,1). Diante de Pilatos, Jesus fala com autoridade e afirma sua realeza (18,28-40).

Porém, não é difícil também constatar a afirmação da humanidade de Jesus no Evangelho de João. No mesmo prólogo, lemos: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (1,14). O verbo encarnado no meio de nós. Ele é carne! É o bom Pastor que conduz, apascenta e dá até sua vida pela vida do povo. Eis aqui alguns textos exclusivos de João que descrevem a origem e a humanidade de Jesus:

- 1) “Tendo ouvido essas palavras, alguns da multidão diziam: ‘Ele é mesmo o Profeta!’ Outros diziam: ‘Ele é o Cristo’. Mas outros diziam: ‘Por acaso o Cristo vem da Galileia? A Escritura não disse que o Cristo vem da descendência de Davi e de Belém, a aldeia de onde era Davi?’” (7,40-42). Jesus nasceu e viveu na aldeia de Nazaré, e passou a maior parte de sua vida na Galileia. Era uma região de terra fértil para agricultura e de rica pesca. Mas o povo das aldeias e dos vilarejos da Galileia sofria com a exploração, opressão e violência do poder civil e religioso; com os impostos e a presença do exército romano; a extorsão e ladroeira dos líderes religiosos de Jerusalém. Fome, miséria e doenças eram realidades constantes. E então Jesus de Nazaré experimentou na própria pele a

dureza e o sofrimento: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

- 2) “Algumas pessoas de Jerusalém diziam: ‘Não é a esse que estão procurando para matar? Ele está aí falando abertamente, e ninguém lhe diz nada! Será que as autoridades se convenceram de que ele é o Cristo? Mas este, nós sabemos de onde vem; quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde ele vem’” (7,25-27). Na tradição apocalíptica do tempo do Novo Testamento (Ap 14,14), o Messias viria de um lugar misterioso e ninguém saberia a sua origem. Porém, Jesus, o filho de José, de Nazaré (1,45; 6,42), viveu no meio do povo, pregando, atuando e andando de uma aldeia para outra na Galileia, convivendo com os pobres e excluídos: “Enquanto eles continuavam pelo caminho, alguém disse a Jesus: ‘Eu te seguirei aonde quer que fores’. Jesus lhe respondeu: ‘As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça’” (Lc 9,57-58).
- 3) “Quando a festa já estava pela metade, Jesus subiu ao Templo e começou a ensinar. Os judeus ficaram admirados e diziam: ‘Como é que esse homem tem tanta instrução, se nunca estudou?’” (7,14-15). Jesus não frequentou a escola dos rabinos! Mas, em Nazaré, na pequena vila dos judeus, Jesus foi criado, aprendeu e guardou as tradições de Moisés e dos profetas, vivenciadas e transmitidas pelos pobres camponeses, que lutavam pela sobrevivência. Os atos, ensinamentos, ditos e parábolas de Jesus estavam

enraizados em sua experiência da vida camponesa da sua terra. Sobretudo nas instruções sapienciais decorrentes das preocupações e angústias cotidianas dos pobres da Galileia: “Nessa mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos’” (Lc 10,21).

- 4) “Quando chegou ao lugar onde estava Jesus e o viu, Maria caiu a seus pés e disse: ‘Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido’. Ao ver que Maria e os judeus que iam com ela estavam chorando, Jesus se comoveu interiormente e se perturbou. E disse: ‘Onde vocês colocaram Lázaro?’ Disseram-lhe: ‘Senhor, vem e vê’. E Jesus chorou” (11,32-35). O episódio da “ressurreição de Lázaro” (11,1-44), que é o último dos setes sinais, descreve o poder de Jesus sobre a morte, preparando os leitores para o Grande Sinal: a morte e a ressurreição de Jesus. Apesar de ser marcado pela ação libertadora e soberania de Jesus, o episódio traz à tona a memória da vida de Jesus com seus seguidores e seguidoras, representados por Lázaro, Marta e Maria. Diante da fragilidade da existência humana – morte, Jesus chora sozinho ao ver o túmulo. O sentimento de perda! A vida ensina e faz o ser humano crescer... Assim foi a vida do homem Jesus de Nazaré.

Em comparação com os Evangelhos sinóticos, o Evangelho de João destaca a soberania e a divindade de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, procura descrever a humanidade de

Jesus: ele é o Verbo encarnado, o filho de José, de Nazaré, que age na história e na vida cotidiana do povo da Galileia.

A descrição da humanidade de Jesus tem sua importância na comunidade joanina, porque ela sofre com o movimento da “gnose”. É um movimento com influência grega, que separa o humano do divino, a terra do céu. Os cristãos gnósticos procuram obter a salvação somente pelo conhecimento da divindade de Cristo Jesus e chegam ao ponto de negar a humanidade de Jesus: o verbo encarnado. Pregam um Jesus divino e soberano, desprezando a palavra e a prática de Jesus nazareno em sua existência humana: ele é carne.

Por isso, o Evangelho de João emprega o termo “conhecer” no sentido existencial (14,4-17; 17,20-26; 2Jo 1-2). Nesse Evangelho, o conhecimento não provém de um exercício puramente intelectual, espiritual e elitista, mas da experiência e convivência humana. O verdadeiro conhecimento do amor de Deus é conhecer e praticar o amor de Jesus em suas palavras e seus atos: “Eu sou o bom Pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas” (10,14-15).

Hoje, como ontem, podemos constatar que existem muitos movimentos cristãos que acentuam o Jesus divino e glorioso, menosprezando o Jesus humano, o Verbo encarnado na história. Quem confessa e segue Cristo Jesus como um dos caminhos para construir o Reino de Deus é chamado a praticar as palavras e os atos de Jesus de Nazaré nas atividades cotidianas: conscientizar e promover a vida; ser solidário com os mais desprezados e rejeitados pelos poderes do mundo, seduzidos pela ambição desenfreada de bens, poder, prazer e honra que promove a morte: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (14,6).

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Amar e servir.

PERSONAGENS: Jesus, discípulos e Simão Pedro.

TEXTO: Jo 13,1-20.

PALAVRAS-CHAVE: hora, amor, manto, toalha, bacia, lavar os pés, mestre e senhor.

PERSPECTIVA: Seguir Jesus implica assumir a prática do amor-serviço.

Se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também deve lavar os pés uns dos outros. (13,14)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela e preparar uma bacia, um jarro com água e uma toalha.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: No encontro de hoje, vamos refletir, aprofundar e rezar a atitude de Jesus servo. Que Ele nos ajude a assumir o serviço amoroso em nossa vida diária. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: No encontro anterior, vimos que o bom Pastor dá a vida por suas ovelhas. O verdadeiro pastor ou pastora está sempre atento às necessidades uns dos outros. Antes de iniciar a reflexão de hoje, alguém tem uma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: A atitude de Jesus, Mestre e Senhor, que serve nos ensina que nossa missão cotidiana deve passar pelo serviço amoroso às pessoas com as quais convivemos. Vamos ler, em voz alta, o tema do nosso encontro de hoje:

Todas/os: *Amar e servir!*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: No dia 13 de março de 2011, a costa norte do Japão foi abalada por terremoto e *tsunami*. Devastação, morte e desespero! No meio de imagens e notícias chocantes, houve, porém, algumas notícias surpreendentes de humanidade. Um voluntário de distribuição de lanche afirma: "Formou-se uma

longa fila de pessoas famintas e sofridas, numa praça da cidade devastada pelo *tsunami*. Era um dia frio com neve. Após longa espera, um menino machucado recebeu seu lanche e correu em direção de uma senhora idosa sentada no chão. Depois de entregar seu lanche a ela, voltou de novo à fila. O voluntário lhe perguntou: “Aquela senhora é sua avó?” O menino respondeu: “Não, senhor, mas ela precisa de mais cuidados do que eu”.

Dirigente: O gesto desse garoto demonstra grande respeito e sensibilidade com uma pessoa necessitada. No dia a dia, somos sensíveis às necessidades das pessoas que estão ao nosso redor? De que forma exercemos o serviço gratuito em nossa vida pessoal e comunitária?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No Antigo Oriente, o lavar os pés era um gesto de acolhida e de hospitalidade e, em sua origem, era feito pelo dono da casa. No decorrer do tempo, tornou-se um serviço desprezado, feito por escravos e na casa em que não havia escravos era realizado pelas filhas ou a esposa do dono da casa. Em uma sociedade escravagista e hierárquica, ou seja, em um mundo organizado de maneira que o escravo servisse o senhor, Jesus, Mestre e Senhor, assume o serviço do lavar os pés, eliminando a desigualdade e as diferenças sociais e, ao mesmo tempo, propondo uma sociedade igualitária e fraterna.

5. Leitura do texto

Dirigente: Que a Palavra de Deus possa encontrar morada em nossa vida! Que o Espírito de Deus nos conduza nessa caminhada. Cantemos:

***Pela Palavra de Deus, saberemos por onde andar.
Ela é luz e verdade, precisamos acreditar.***

Cristo me chama, Ele é Pastor. Sabe meu nome: Fala, Senhor.

Sei que a resposta vem do meu ser: quero seguir-te para viver.

Mãos estendidas pedem meu pão. Devo parti-lo com meu irmão.

Leitora ou leitor 3: Ler Jo 13,1-20.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual o ensinamento de Jesus ao lavar os pés dos discípulos durante a refeição?
- b) Qual o sentido do gesto de Jesus de tirar o manto, amarrar a toalha e lavar os pés dos discípulos e, após terminar, retomar o manto e não tirar a toalha?
- c) Por que Pedro tem dificuldade de aceitar que Jesus lave seus pés?
- d) Qual a realidade da comunidade joanina que transparece nesse texto?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O gesto de Jesus lavar os pés de seus discípulos continua nos desafiando e nos convocando para assumirmos o serviço. Somos chamados a amar e a servir. A prática do serviço gratuito não é fácil e exige de nós uma conversão constante. Não é fácil lavar os pés uns dos outros, e menos ainda deixar que os outros lavem os nossos pés. Jesus é

Mestre e Senhor pelo serviço que nasce de sua capacidade de amar, promovendo a relação de irmãos e amigos.

a) O que significa hoje lavar os pés uns dos outros?

b) Em nossa comunidade, quem assume os trabalhos mais difíceis e exigentes?

7. Celebrando a vida

Dirigente: A exemplo de Cristo, somos chamados a assumir o serviço ao outro: "Vocês também devem lavar os pés uns dos outros" (13,14). Renovando a nossa disposição em assumir o projeto de Deus vivenciado por Jesus vamos repetir esse gesto com as pessoas aqui presentes. *Cada um poderá lavar o pé de um irmão ou uma irmã e dizer qual o serviço que quer assumir e, em seguida, deixar que a outra pessoa lave o seu pé, como sinal de humildade.*

Dirigente: De mãos dadas, vamos novamente professar que somos filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Que as nossas ações possam estar sempre a serviço da construção do Reino de Deus. *Pai-nosso.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Jo 20,11-18, e quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

- Fazer uma lista dos serviços da comunidade, ver quem são as pessoas que os assumem e valorizar os serviços mais simples que, em geral, são desvalorizados.
- Trazer um prato ou uma bebida para o lanche comunitário.

10. Bênção final

Dirigente: Na cultura judaica, quem abençoa é a pessoa mais velha, por ser considerada mais sábia. Pedir que a pessoa que tem mais idade dê a bênção final.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: O lava-pés

O capítulo 13 abre o livro da Comunidade (13-17), no qual Jesus Cristo faz a sua despedida: “Antes da festa da Páscoa, Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1). Como a despedida de Moisés, Jesus Cristo deixa para a comunidade os ensinamentos e as instruções por meio de um gesto e de discursos. No livro da Comunidade, o lava-pés é o gesto de instrução que Jesus Cristo realiza numa refeição reservada com seus discípulos, a refeição equivalente à última ceia relatada nos Sinóticos (cf. Mc 14,17-26).

Jesus se levantou da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha que tinha na cintura (13,4-5).

Antes da festa da Páscoa, Jesus reúne seus discípulos para a ceia. Durante a refeição, ele começa a lavar os pés dos discípulos. É um gesto de acolhida e hospitalidade, que está muito presente no Antigo Testamento. Na tradição dos patriarcas, Abraão, por exemplo, recebe os visitantes:

Que se traga um pouco de água para que vocês lavem os pés e depois descansem debaixo da árvore. Permitam que eu traga um pedaço de pão, a fim de que vocês recuperem as forças antes de partir (Gn 18,4-5).

O lava-pés, como o derramamento de óleo na cabeça e o oferecimento da refeição, faz parte da lei da hospitalidade no Oriente Antigo (Gn 24,32; 43,24; Jz 19,21). Na realidade sofrida do mundo semideserto, com a escassez de água e de comida e o perigo da viagem, as pessoas criaram o direito sagrado da hospitalidade, solidariedade, acolhida e partilha. A hospitalidade é uma das virtudes eminentes para manter a sobrevivência, a harmonia e a paz na sociedade tribal.

Após as andanças pelas estradas poeirentas, os viajantes recebem o serviço de lava-pés, prestado pelos servos, filhas ou a esposa do anfitrião. Com a conotação de abertura, humildade, carinho e dedicação, o próprio anfitrião ou a anfitriã lava os pés dos hóspedes. Esse gesto transparece no episódio de Abigail com os servos de Davi: “Aqui está sua serva, como escrava para lavar os pés dos servos de meu senhor” (1Sm 25,41; Lc 7,44).

Ao longo da história, a lei da hospitalidade sofre com as modificações da sociedade. No episódio do lava-pés, narrado no Evangelho de João, há dois sinais dessa mudança:

- 1) A sociedade escravagista: “Senhor” (13,14) representa o imperador de Roma e os donos de escravos. Nessa sociedade, o escravo não tem liberdade, a sua vida é

propriedade de um senhor. A pessoa é escrava por ter nascido de mãe escrava, por ter sido feita prisioneira de guerra ou por dívida. Os escravos e as escravas existem para servir os senhores e vivem do trabalho, que era considerado “impuro” e “amaldiçoado”. Nessa sociedade, a função de lavar os pés é exercida por escravos e escravas. Nas famílias pobres, que não possuem escravos, esse trabalho é feito pela mulher ou pela filha, que ocupam posição social inferior aos homens. O gesto de lavar os pés, então, passou a ter uma conotação de humilhação e discriminação na sociedade escravagista, uma sociedade dividida entre senhor e escravo.

- 2) A lei do puro e do impuro: O título de “Mestre” (13,14) está ligado aos escribas fariseus, autoridade religiosa judaica da época. Eles, que se consideram o verdadeiro Israel e os intérpretes legítimos da Lei, pregam a salvação pela observância da lei do puro e impuro. Na tradição dos escribas fariseus, o lavar os pés, como o lavar as mãos e o corpo, deve ser observado dentro do ritual da pureza, que divide a sociedade em puros e impuros, santos e pecadores, justos e injustos.

A comunidade joanina está ameaçada com as perseguições do Império Romano, baseado na sociedade escravagista, e dos judeus fariseus, promotores da lei do puro e do impuro (15,20). Sofre com uma sociedade de divisão, discriminação e exploração e essa mesma realidade está também dentro da comunidade: “Judas disse isso, não porque se preocupava com os pobres, mas porque era ladrão. Ele cuidava

da bolsa comum e tomava para si o que nela se depositava” (12,6).

Nessa realidade, a comunidade joanina narra e descreve o episódio do lava-pés, texto exclusivo do Evangelho de João. Nele, afirma-se que Senhor e Mestre é aquele que serve, não como os senhores greco-romanos ou como os mestres dos judeus fariseus, que buscam suas próprias homenagens e glória. É uma das importantes instruções de Jesus Cristo que a comunidade cristã deve vivenciar e transmitir no dia a dia.

Comentando o texto: Jo 13,1-20 – É preciso lavar os pés uns dos outros

Ao iniciar a narrativa do “Lava-pés”, a comunidade joanina resume a vida de Jesus e o seu ensinamento: “Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1). O verbo grego usado para amar é “*agapáo*” e significa um amor que se doa sem medidas, que toma iniciativa e se expressa em gestos concretos. Por meio do gesto do lava-pés, a comunidade anuncia o ensinamento mais precioso: a comunidade cristã é chamada ao compromisso de amar os irmãos de forma incondicional, até a entrega da própria vida! Há vários termos e gestos marcantes na narrativa do lava-pés: a hora; o tirar o manto; o lavar os pés; os títulos de mestre e senhor atribuídos a Jesus etc.

A primeira parte do Evangelho de João, por diversas vezes anuncia a chegada da hora (2,4; 7,6.30; 8,20; 9,3-5; 12,23.27), e agora essa hora chegou: a hora de vivenciar o amor aos seus até a entrega da própria vida. Num gesto profético, Jesus “se levantou da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha que tinha na cintura” (13,4-5). Essa atitude deve ter provocado espanto, pois o

lavar os pés dos convidados é uma ação feita na chegada e não durante a ceia. O que indica que não se trata apenas de um costume, mas tem um sentido especial.

Jesus se despoja de seu poder ao tirar o manto, e ao cingir-se com a toalha assume o serviço (Lc 12,37). Em sua origem, o lavar os pés do visitante era um sinal de hospitalidade, de acolhida, de atenção e de respeito e em geral era feito pelo anfitrião antes da refeição (Lc 7,44). Depois, com o tempo, se tornou uma função das mulheres e dos escravos, uma obrigação da parte de uma mulher para com o marido, dos filhos para com o pai. Na última ceia, Jesus assume esse papel, iguala-se às mulheres e aos escravos, coloca-se entre as pessoas como aquele que serve (Lc 22, 27). Um serviço indigno, e, se um judeu tivesse um escravo judeu não poderia exigir que ele exercesse essa função.

O Evangelho de João, ao apresentar Jesus lavando os pés dos discípulos - o que ele fez em toda a sua vida -, quer que a comunidade supere a desigualdade e o desejo de poder. Quem não admite a igualdade ainda não assumiu o projeto de Jesus. Pedro, representando esse grupo, vai de um extremo ao outro: "Senhor, então lava não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (13,9). Ele passou da mentalidade romana, marcada pela divisão social, à visão judaica da purificação; associou com o ritual da pureza, um dos meios da salvação segundo a tradição religiosa, que divide as pessoas em puras e impuras.

O autor evidencia que esse gesto não é de purificação, mas uma ação para ser repetida. É o memorial da comunidade: "Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e Mestre, vocês devem lavar os pés uns dos outros!" (13,14). O título de mestre está ligado aos fariseus, e senhor aos governantes de Roma. Jesus critica os títulos de senhor e mestre como formas de manutenção da hierarquia: "Eu já não digo que vocês são servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz;

eu vos chamei vocês de amigos, porque fiz vocês conhecerem tudo o que ouvi do meu Pai" (15,15). Jesus inclui a todos, até mesmo aquele que não conseguiu aceitar o seu projeto. E os seus seguidores e seguidoras precisam aprender com ele: fazer o mesmo que ele fez, assumindo a prática do serviço. Portanto, o lava-pés mostra que todos são iguais e que o serviço nasce da capacidade de amar.

Quem se afasta do exemplo de Cristo não faz parte de sua comunidade: "O servo não é maior do que o seu senhor, nem o apóstolo é maior do que aquele que o enviou. Se vocês entenderem isso, serão felizes se o praticarem" (13,16-17). A diferença não justifica a hierarquia ou a superioridade. Jesus é Mestre e Senhor não pelo poder, mas pelo serviço. Ele ama os seus e dá a vida por eles (10,17). E ele insiste: é preciso compreender e assumir! Ao voltar para a mesa, Jesus retoma o manto e continua com a toalha, o que indica que o poder é necessário e deve ser colocado a serviço uns dos outros, sempre!

Em Jo 12,1-11 a unção dos pés de Jesus por Maria é um gesto que apresenta semelhança com a última ceia de Jesus. Maria, *a amada*, unge os pés de Jesus com perfume e enxuga-os com os seus cabelos (12,3). Jesus, tocado por esse gesto de amor, faz o mesmo com os seus discípulos: ele também lava os pés dos seus amigos e amigas. Qual a reação dos seus seguidores? Judas não aceita o gesto de Jesus, ele não permanece no grupo. Pedro não compreende. Maria, ao contrário, antecipa a ordem de Jesus de lavar os pés dos discípulos, agindo como discípula.

A imagem de Jesus servo, um Deus ajoelhado com uma bacia nas mãos, assumindo o serviço considerado mais indigno é uma atitude que nos desafia e exige de nós uma posição (Fl 2,6-8). Como estamos lavando os pés uns dos outros? Jesus nos confia a missão de ser construtores do Reino de Deus: "Quem receber aquele que eu enviar, estará recebendo a mim, e quem me receber, estará recebendo aquele que me enviou!" (13,20).

Aprofundando: O Livro da Comunidade (Jo 13-17)

No Livro da Comunidade há uma série de discursos exclusivos, que são princípios e orientações dirigidos aos seguidores e às seguidoras de Jesus de Nazaré para desenvolverem uma vivência comunitária capaz de sustentar, animar e ajudar a permanecer fiel nas dificuldades e perseguições.

Por volta do ano 95 d.C., os cristãos estavam sendo perseguidos pelos judeus fariseus, autoridades religiosas judaicas, e pelo Império Romano. A perseguição chegou ao ponto de expulsar os judeus cristãos da sinagoga, centro comunitário dos judeus. Com a perseguição cada vez mais violenta e generalizada, as condições de vida eram muito difíceis: “E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (16,2). Havia uma forte crise de fé, muitas pessoas estavam abandonando a comunidade cristã.

Por isso a insistência na palavra “permanecer” no discurso do capítulo 15 (onze vezes). É preciso ajudar as pessoas a permanecerem fiéis ao projeto do amor, da justiça e da solidariedade. Eis aqui algumas frases nos discursos presentes no livro da Comunidade, que orientam e fortalecem o projeto comunitário cristão:

- 1) “Eu dou a vocês um mandamento novo: Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros” (13,34). O mandamento é um convite à experiência do amor, da misericórdia e da solidariedade que unem as pessoas entre si e com o Deus da vida, presente em todos os lugares e em todos os tempos. Não há separação entre o amor a Deus e o amor aos irmãos!

- 2) “Eu já não digo que vocês são servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; eu chamei vocês de amigos, porque fiz vocês conhecerem tudo o que ouvi do meu Pai” (15,15). Enquanto a sociedade escravagista do Império Romano divide entre senhor e servo, a comunidade joanina revela Jesus como sendo o Deus de amor intimamente presente no seu meio, convivendo com mulheres e homens como “amigo”.
- 3) “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele nossa morada” (14,23). Jesus está no Pai e o Pai está naquele que faz a obra do amor de Jesus. Ele é o caminho que nos conduz à morada do Deus-amor aqui na terra e na eternidade (14,1-4). Deus continua se encarnando nas pessoas que vivem o amor fraterno.
- 4) “Eu sou a videira e vocês são os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, dará muito fruto, porque sem mim não podem fazer nada” (15,5). O agricultor poda os ramos dos quais não brotam frutos, a fim de fortalecer os ramos carregados na videira. A inserção dos ramos ao tronco da videira significa permanecer no Caminho, Verdade e Vida de Jesus (14,6) e em comunhão de amor com o próximo, promovendo a vida para todos.
- 5) “Quando vier o Advogado, que eu mandarei para vocês de junto do Pai, o Espírito da Verdade que procede do Pai, ele dará testemunho de mim” (15,26). Depois da partida de Jesus, o Advogado (Paráclito, Defensor, Espírito de verdade, Espírito Santo) permanecerá para sempre junto dos seguidores e seguidoras (14,16), a fim

de recordar, explicar e completar o ensinamento de Jesus, conduzindo-os, por exemplo, na perseguição e no tribunal.

- 6) “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem: Eu venci o mundo” (16,33). Por causa dos conflitos com o mundo do Império Romano e dos judeus fariseus, baseado no ódio (15,18-19; 17,14), a comunidade cristã sofre aflições e mortes. Mas isso não pode destruir a confiança e a esperança, que se alimentam das palavras e práticas de Jesus Cristo - o amor, a solidariedade, a justiça, a vida fraterna, a paz: “Eu deixo para vocês a paz, eu lhes dou a minha paz. A paz que lhe dou não é como a paz que o mundo dá. Que o coração de vocês não fique perturbado, nem tenha medo” (14,27).
- 7) “Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo” (17,18). No capítulo 17, a comunidade joanina apresenta a oração da unidade, dirigida por Jesus ao Pai. Nesta oração, Jesus Cristo envia e exalta seus seguidores e seguidoras à missão de construir a comunidade o mundo em que todos sejam um, sem as barreiras que dividem o senhor e o escravo: “Eu neles e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados na unidade, e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que amaste a eles como que amaste a mim” (17,23).

O que une e dá nova vida à comunidade são as novas relações fundadas no amor, no diálogo e no compromisso solidário com os irmãos. No livro da Comunidade, o símbolo da videira e os ramos é um exemplo que nos ajuda a compreender melhor o sentido de permanecer, de continuar, de resistir, de amar, de servir e dar o fruto da vida até o fim: “Não foram vocês

que me escolheram; fui eu que escolhi e orientei vocês, para que
vão e deem fruto, e o fruto de vocês permaneça” (15,16).

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Jesus está vivo e presente entre nós.

PERSONAGENS: Jesus e Madalena.

TEXTO: Jo 20,11-18.

PALAVRAS-CHAVE: chorar, meu Senhor, procurar, Pai, Deus, irmãos, “detenha!”.

PERSPECTIVA: Reavivar a certeza de que Jesus Cristo ressuscitou e continua presente entre nós, impulsionando-nos para viver e testemunhar a vida cristã.

Então Jesus lhe disse: “Maria!” Ela voltou-se e exclamou em hebraico: “Rabuni” – que quer dizer Mestre. (20,16)

1. Preparar o ambiente

- Arrumar o ambiente com flores, plantas, panos coloridos e colocar no centro um galho de árvore ou uma planta. Colocar à disposição das pessoas papéis, pincéis e fita adesiva.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Procurar, ver, permanecer, experimentar, amar e testemunhar são palavras que estão muito presentes no Evangelho de João. Façamos memória da presença da Trindade, deixando-nos inundar por esse amor criador e gerador de vida. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Cantemos: *Onde reina o amor, fraterno amor, onde reina o amor, Deus aí está.*

Dirigente: Sejam todas e todos muito bem-vindos para este encontro. No encontro anterior, refletimos sobre a atitude de Jesus que lava os pés de seus discípulos e pede que eles façam o mesmo. Para ser seguidor de Jesus é necessário amar e servir até ao extremo. Antes de iniciar a reflexão de hoje, alguém tem uma experiência para contar sobre o gesto concreto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto escolhido pelo grupo.*

Dirigente: Que a busca de Maria Madalena pelo Senhor possa inspirar nossa caminhada. No encontro de hoje, somos convidados a encontrar o Senhor em nós e em cada pessoa que caminha ao nosso lado. Vamos ler em voz alta o tema do nosso encontro de hoje.

Todas/os: *Jesus está vivo e presente entre nós!*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em nossa vida há pessoas que nós queremos muito bem, que nos ajudam a viver melhor. Quando passamos muito tempo sem ver aquele amigo ou amiga, sentimos saudade, e esse sentimento nos faz ir ao encontro do outro. Por que sentimos saudades de alguém?

Dirigente: Lembrando nossos amigos e amigas, quem desejar poderá escrever o nome de uma pessoa amiga e colocar na planta (*galho ou outro suporte preparado pelo grupo*). Dessa forma, as pessoas que amamos estarão presentes no nosso encontro.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A morte de uma pessoa amiga ou de um parente vem acompanhada de dor, de saudade, de ausência, de memórias do que a pessoa foi e das coisas que poderiam ser diferentes... Os parentes, num gesto de carinho e profundo amor, fazem de tudo para prestar uma última homenagem à pessoa que morreu, fazendo o velório e um enterro digno.

Maria Madalena, que representa a comunidade, junto ao sepulcro experimentou dor, angústia e sofrimento (20,11-15). A busca de Maria Madalena foi escrita com inspiração na atitude do amada de Cântico dos Cânticos, que enfrenta várias dificuldades para encontrar o seu amado (Ct 3,1-4). Mesmo sofrendo, a mulher permanece próxima ao túmulo e tem a experiência de encontro com o Ressuscitado, ao ser chamada pelo nome.

5. Leitura do texto

Dirigente: Com o coração em festa, vamos acolher a Palavra de Deus preparando-nos para o encontro com o Ressuscitado. Cantemos: ***O Senhor ressurgiu, aleluia, aleluia! É o cordeiro pascal, aleluia, aleluia! Imolado por nós, aleluia, aleluia! É o Cristo, Senhor, ele vive e venceu, aleluia! O Cristo, Senhor, ressuscitou, a nossa esperança realizou: vencida a morte para sempre, triunfa a vida eternamente!*** Ou outro canto, conforme a escolha do grupo.

Leitora ou leitor 3: Ler Jo 20,11-18.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Como acontece o encontro entre Jesus Ressuscitado e Maria Madalena?
- b) O que fez Maria Madalena reconhecer o Senhor Mestre Jesus?
- c) Qual a missão que Maria Madalena recebeu?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Maria Madalena é a primeira testemunha da ressurreição. Esse encontro acontece porque a mulher venceu o medo. Em meio à situação de morte ela resistiu, permaneceu até encontrar o Senhor. Na comunidade de João há muitas mulheres discípulas fiéis a Jesus que animam os demais a fazer o mesmo.

- a) Como nós, mulheres e homens de nossa comunidade, continuamos buscando e anunciando a presença do Ressuscitado entre nós?

Levantar fatos concretos que representam vida ou pequenas conquistas na comunidade.

7. Celebrando a vida

Dirigente: A partir do texto que refletimos, o que nós temos para dizer a Deus? Encerrar esse momento com a oração do Pai-nosso e formando um grande círculo cantar ou rezar o refrão:

*“Amigos para sempre é o que nós iremos ser,
Na primavera ou em qualquer das estações,
Nas horas tristes, nos momentos de prazer.
Amigos para sempre” (bis).*

8. Gesto concreto

- Visitar uma pessoa que esteja passando por um momento de dificuldade na família, como, por exemplo: desemprego, doença, morte de um familiar ou outras razões.
- Continuar aprofundando o Evangelho de João e ver qual a melhor forma de ser morada de Deus hoje.

9. Bênção final

Dirigente: O encontro entre Jesus Ressuscitado e Maria Madalena nos ensina que somos irmãos de Jesus e filhos de Deus. Da mesma forma que Maria Madalena foi enviada por Jesus para anunciar a sua Ressurreição, somos enviadas e enviados para viver e testemunhar a Ressurreição de Jesus e sua presença viva em nosso meio. Que Deus-Pai nos abençoe hoje e sempre.

Todas/os: Amém.

Dirigente: Vamos estender a nossa mão sobre os alimentos que trouxemos. Deus abençoe esses alimentos, e que a nossa partilha possa selar nossa amizade e nosso compromisso com a construção do seu Reino.

Todas/os: Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: o cotidiano de sofrimento na comunidade

Jesus ainda não tinha chegado à aldeia; estava no lugar onde Marta o havia encontrado. Os judeus que estavam em casa com Maria, procurando consolá-la, quando a viram levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que iria ao túmulo para aí chorar. Quando chegou ao lugar onde estava Jesus, ela o viu. Maria caiu a seus pés e disse: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. (11,30-32).

O encontro entre Maria e Jesus é pleno de sentimentos. Ela se prostra, não tem receio de ser ela mesma, de expressar sua dor e tristeza pela perda do seu irmão Lázaro. Uma cena comovente: de um lado, estão os judeus que se comovem e choram a morte de seu amigo; de outro, Jesus que se compadece e se comove (11,33). Morte, dor, angústia, sofrimento e muita tristeza!

O episódio, que narra a doença, a morte e a ressurreição de Lázaro, inicia mostrando o sofrimento. Em João 11,1-6, a palavra “doença” aparece 5 vezes. A repetição desse termo reflete a situação de sofrimento das comunidades joaninas,

provocada pela perseguição: a comunidade, representada por Lázaro, cujo nome significa “a quem Deus ajuda”, Marta, dona de casa ou senhora, e Maria, a amada. Eles estão localizados em Betânia, a casa do pobre ou da aflição. Esse grupo abraçou a fé cristã e, conseqüentemente, foi perseguido pelo Império Romano e pelas autoridades judaicas. Os judeus fariseus chegaram ao ponto de expulsar os judeus cristãos da sinagoga, centro comunitário dos judeus da época: “Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Vão excluir vocês das sinagogas. E vai chegar a hora em que alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (16,1-2).

No episódio de Lázaro, o sinal de morte transparece na palavra de Tomé ao ouvir de Jesus a sua decisão de ir para a Judeia: “Vamos nós também para morrermos com ele” (11,16). Os membros da comunidade joanina estão sendo torturados e mortos na perseguição. A comunidade descreve que a morte de Lázaro é definitiva: ele já está morto há quatro dias. O fim de todas as esperanças da vida! Ainda mais: a crença na ressurreição do último dia, conforme a tradição farisaica, dificulta, para a comunidade, crer na vida nova: “Eu sei que ele vai ressuscitar, no último dia” (11,24). Não há a “ressurreição” na vida da comunidade?

A comunidade precisa reavivar sua fé e reavivar sua esperança para resistir aos sofrimentos e às perseguições! No episódio de Lázaro, é possível afirmar que a comunidade supera o abandono e o sofrimento por uma profunda relação de amizade e amor entre os membros, capaz de gerar vida nova. Nesse contexto, este episódio relata uma relação de intimidade e afeto entre Jesus e seus amigos e amigas.

“Jesus chorou” (11,35). Jesus é tomado por um profundo sentimento de perda e tristeza. Diante do choro, os judeus concluem: “Vejam como ele o amava!” (11,36). Essa é a principal característica das comunidades joaninas do discípulo

amado: o amor mútuo entre Jesus e os membros da comunidade. “Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos” (13,35).

Por trás da reação de Jesus, tão humana e afetiva, podemos ler as atitudes cotidianas das comunidades joaninas: a convivência e os laços de amor que unem os membros entre si na dor e na alegria. Sinal da presença de Jesus Ressuscitado na comunidade. Essa força transparece na cena em que Lázaro passa da morte à vida: “Jesus gritou em alta voz: ‘Lázaro, venha para fora!’” (11,43). Lázaro sai com os pés e as mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus disse à comunidade: “Soltem-no e deixem que ele ande” (11,44).

É a comunidade que ajuda a ressuscitar Lázaro, desata-lhe as mãos e os pés. A comunidade colabora para devolver a vida a seus membros. O *grito* de Jesus à comunidade expressa o clamor pela vida! É a convivência, sedimentada pelo laço de amor, que faz a comunidade defender a vida e *ressuscitar*. A vida nova depende da ação solidária e amorosa da comunidade. À medida que as pessoas vão sendo libertas de suas amarras, elas se abrem para uma nova vida.

A ressurreição de Lázaro encerra o livro dos Sinais (2,1-11,54). É o maior sinal realizado por Jesus: é a vida que supera a morte. Ao mesmo tempo, é anúncio e preparação do grande sinal: a própria morte e ressurreição de Jesus (18-20). Na perspectiva cristã, Jesus é a ressurreição e a vida (11,25-26). Quem crê nele viverá na prática da fraternidade, da justiça e do amor como ressuscitado.

Como o episódio de Lázaro, o relato da ressurreição de Jesus é, inicialmente, marcado por angústia, dor e sofrimento:

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus, quando ainda estava escuro. E logo viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então

saiu correndo e foi encontrar com Simão Pedro e o outro discípulo, aquele a quem Jesus amava. E lhes disse: “Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram”. Maria continuava ali, chorando junto ao túmulo (20,1-2.11a).

Maria, representando a comunidade que busca o corpo de Jesus para ungi-lo, vai ao sepulcro onde ele fora colocado e encontra a pedra removida e o local vazio. A ausência do corpo de Jesus provoca angústia, dor e tristeza. É o sofrimento que distorce e dificulta a visão e a compreensão da realidade. A comunidade, então, compreende que o corpo de Jesus foi roubado. Não compreende que a ausência do corpo indica o sinal da vida nova: a ressurreição. Há vários motivos que abatem e dificultam a comunidade a acreditar no Senhor ressuscitado:

- 1) Os cristãos sofrem com a perseguição: “Se perseguiram a mim, vão perseguir a vocês também” (15,20). Há falta de esperança em meio ao sofrimento, miséria e desolação. Alguns membros da comunidade ficam prisioneiros do círculo do sofrimento e morte.
- 2) Segundo a cultura greco-romana, o ser humano é dividido em duas partes: a alma e o corpo. Enquanto a alma é imortal, o corpo é mortal. Não há nenhuma possibilidade da ressurreição do corpo. As comunidades cristãs sofrem com a influência de diferentes ideias e crenças sobre a morte. Alguns membros da comunidade cristã de Corinto, por exemplo, rejeitam a ressurreição de Jesus e a dos mortos: “De que maneira os mortos ressuscitarão? Com que corpo voltarão” (1 Cor 15,35).

- 3) A tradição farisaica prega que o homem justo por cumprir a Lei é ressuscitado para a vida eterna e o injusto vai para o castigo eterno. Por isso, Paulo testemunha: “Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus” (1Cor 1,23). É escândalo porque Jesus rompe as barreiras da lei do puro e do impuro e morre na cruz que é considerada “maldição de Deus” e “ato de impureza” (Dt 21,22-23).

Tudo isso coloca em dúvida a ressurreição de Jesus. É necessário conduzir a comunidade para depositar sua fé no Senhor ressuscitado, o Senhor da vida. Com o relato da aparição a Maria Madalena, o Evangelho de João, então, prepara o leitor para fortalecer e entrar na esperança, na presença do Ressuscitado.

O Evangelho de João 20,11-18 relata o encontro entre Maria Madalena e Jesus: ela começa o processo de superar a prisão do círculo do sofrimento e morte, e encontra Jesus Cristo ressuscitado. O relato do encontro se inspira no Cântico dos Cânticos, que é um poema do amor e, ao mesmo tempo, um grito de libertação, no qual a amada procura pelo amado. Uma busca intensa que termina com o encontro: “Encontrei o amado da minha vida, agarrei-o e não o soltarei...” (Ct 3,4).

Comentando o texto: Jo 20,11-18 - Jesus e Maria Madalena no jardim

"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus, quando ainda estava escuro. E logo viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo" (20,1). A comunidade continua no escuro, ainda não vivenciou a experiência da ressurreição. Todos os Evangelhos citam a presença de Maria

Madalena no momento da morte, como testemunha e anunciadora da ressurreição. Quem é esta mulher?

Maria Madalena foi uma liderança importante nas origens do movimento de Jesus. Eis algumas observações sobre Maria Madalena nos Evangelhos:

- Seguiu Jesus desde a Galileia até o momento da morte: "Também algumas mulheres estavam aí, olhando de longe; entre elas Maria Madalena, Maria mãe de Tiago Menor e de Joset, e Salomé. Elas seguiam e serviam Jesus, quando ele estava na Galileia. E muitas outras que tinham subido com ele para Jerusalém" (Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23,49).

- Ela, juntamente com outras mulheres, mesmo de longe, observou o sepultamento de Jesus (Mc 15,45-47). É fiel até o fim!

- Ao lado de outras mulheres, ela vai ao túmulo no primeiro dia da semana (Mc 16,1-2; Mt 28,1; Lc 24,1.10).

- Está entre as primeiras a receber e comunicar a notícia de que Jesus ressuscitou (Mt 28,5-8).

- Ela e outras mulheres são as primeiras que veem Jesus depois da ressurreição: "Eis que Jesus foi ao encontro delas e disse: 'Alegrem-se!' Elas então se aproximaram, abraçaram-lhe os pés e se ajoelharam diante dele. Então Jesus lhes disse: 'Não tenham medo! Vão avisar meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Aí eles me verão'" (Mt 28,9-10).

Além dos Evangelhos canônicos, há outros textos antigos que citam a presença de Maria Madalena; inclusive, existe um Evangelho cuja autoria é atribuída a Maria Madalena. Nos

primeiros séculos, Maria Madalena era uma referência muito importante e significativa para as comunidades cristãs. No Evangelho de João, ela representa a comunidade, que é chamada a vivenciar e anunciar a ressurreição (20,18). Vejamos, passo a passo, como esse autor descreve o encontro no jardim entre Jesus e Maria Madalena.

Mesmo encontrando o túmulo vazio, a sua busca continua: “Maria continuava ali, chorando junto ao túmulo” (20,11). Ela é uma imagem da comunidade inconsolada com a morte de seus membros e com dificuldade de perceber os sinais de ressurreição. Essa situação é descrita numa linguagem simbólica, inspirada no livro Cântico dos Cânticos. Neste livro, a jovem sai ao encontro do amado: “Em meu leito, durante as noites, saí à procura do amado da minha vida. Eu o procurei, mas não o encontrei! Preciso levantar-me, dar uma volta pela cidade, pelas ruas e praças à procura do amado da minha vida. Eu o procurei, mas não o encontrei!” (Ct 3,1-2). Maria vai ao sepulcro chorar a morte do Senhor. Ela está presa à ideia da morte como o fim de tudo. De longe, no escuro, Maria Madalena percebe que o túmulo está vazio. Desesperada, vai ao encontro dos discípulos que constataam o fato e retornam para a sua casa. Maria permanece chorando junto ao sepulcro.

A mulher, angustiada e ainda chorando, olha para o interior do túmulo e vê dois anjos. No livro do Cântico dos Cânticos, a jovem pergunta para os guardas: “Acaso vocês viram o amado de minha vida?” (Ct 3,3). No Evangelho de João, são os anjos que perguntam a Maria a razão de sua dor. A mulher responde: “Tiraram o meu Senhor daqui, e não sei onde o colocaram” (20,13), uma expressão da dificuldade de a comunidade tomar consciência da ressurreição de Jesus. A dor, o desespero e o medo não deixam a comunidade perceber que a vida é mais forte que a morte.

O seu objetivo é encontrar o corpo do Senhor. “Jesus se aproxima e lhe pergunta: ‘Mulher, por que você está chorando? A quem está procurando?’ Maria pensou que fosse o jardineiro, e disse: ‘Se foi você que o levou, diga-me onde o colocou, eu vou buscá-lo’” (20,15). Enquanto Maria continuar olhando para o túmulo não poderá encontrar-se com Jesus, pois ele não está no sepulcro. A mulher continua sem esperança, ainda não conseguiu ver os sinais de vida, mas, apesar disso, ela persiste em sua busca. O termo mulher foi usado para a Mãe, em Caná e na cruz, e para a Samaritana (2,4; 19,26; 4,21). Maria Madalena é a esposa da nova aliança, que busca o esposo no meio da desolação. Ela chama Jesus de *meu Senhor*, tratamento dado ao marido conforme o costume da época. Porém, Maria continua perplexa, sem nada entender...

Maria Madalena reconhece Jesus só quando ele a chama pelo nome: “‘Maria’. Ela voltou-se e exclamou em hebraico: ‘Rabuni!’, que quer dizer ‘Mestre’” (20,16). Agora, ela não olha mais para o sepulcro. Seu olhar é dirigido para o Ressuscitado. É o início da nova criação. Maria faz a experiência de ser amada e acolhida como discípula: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu”(Is 43,1). Ela é a ovelha que reconhece a voz do Pastor (10,2-3). Uma situação semelhante é descrita no Cântico dos Cânticos: “Eu dormia, mas meu coração estava desperto a ouvir a voz do meu amado” (Ct 5,2).

É a experiência humana de intimidade, de convivência no amor que faz a pessoa viver. Quando Maria encontra o amado, é um momento de grande alegria e emoção. Ela quer abraçar e prender o Senhor. No entanto, Jesus lhe diz: “Não me retenhas, pois ainda não subi para junto do Pai. Mas vá encontrar os meus irmãos e diga a eles: ‘Eu estou subindo para junto do meu Pai e Pai de vocês, do meu Deus e Deus de vocês’” (20,17).

Não, a missão ainda não acabou. É preciso continuar as obras de Jesus. O Reino de Deus é para todos, por isso é

necessário que Maria vá anunciar aos “meus irmãos”; e isso, no contexto da comunidade de João, não é apenas para os discípulos e discípulas, mas esse anúncio é universal. Todos são chamados ao amor, a testemunhar o Ressuscitado vivo na comunidade (20,19-31).

É preciso ir além da narrativa e ver o simbolismo desta cena. Jesus é o esposo da nova aliança, da nova criação (2,1-11), e Maria Madalena é a comunidade como a nova esposa. Como no livro do Gênesis, eles estão no jardim: a morte e a glorificação de Jesus dá origem a uma nova humanidade. É a nova criação. Maria Madalena procura, encontra, vê, ouve, acredita e anuncia. O amor vence o temor e a vida desabrocha e floresce até os nossos dias! A vida triunfou!!! Ele continua vivo e presente entre nós!

Aprofundando: Textos exclusivos de João na narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus

Todos os Evangelhos narram a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Ao ler esses relatos, não é difícil perceber uma longa história de redação, condicionada por diferentes realidades das várias comunidades cristãs. A última palavra de Jesus na cruz, por exemplo, é uma boa amostra de recordações, reflexões e interpretações de cada comunidade:

- “Às três da tarde, Jesus deu um grande grito: ‘*Eloi, Eloi, Lamá sabactâni*’, que traduzido significa: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ Então Jesus, dando um grande grito, expirou” (Mc 15,34.37).
- “Perto das três da tarde, Jesus deu um forte grito: ‘*Eli, Eli, lamá sabactâni*?’ Quer dizer: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? E de novo Jesus deu um forte grito, e entregou o espírito” (Mt 27,46.50).

- “Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’” (Lc 23,46).
- “‘Tudo está consumado’. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (19,30). Diferente dos sinóticos, em João, Jesus não morre: é Deus. Ele se entrega!

É evidente que a comunidade joanina interpreta a morte de Jesus como a consumação da obra designada pelo Pai. Nas bodas de Caná (2,1-11), o primeiro sinal, Jesus Cristo afirma: “Minha hora ainda não chegou” (2,4). Após a realização dos sete sinais, primeira parte do Evangelho (2,1-11,54), Jesus Cristo, em sua despedida da comunidade (13,1-17,26) é descrito da seguinte forma: “Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1).

A morte de Jesus é compreendida como a vitória do amor, da verdade e da vida sobre o mundo da morte: “Eu venci o mundo” (16,33). E o último gesto de Jesus é “entregar o espírito”, o espírito do Pai, que acompanhou e orientou toda sua obra. Após a ressurreição, o mesmo Espírito voltará à comunidade para guiá-la no caminho da verdade e da vida: “Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: ‘Recebam o Espírito Santo’” (20,22).

No relato da paixão, da morte e da ressurreição, a comunidade joanina acrescenta vários textos exclusivos em vista de sua realidade, de seus problemas e conflitos, sobretudo com o mundo (o Império Romano e os judeus fariseus). Era necessário para a comunidade, perseguida pelo *mundo*, elaborar mensagens e argumentos para fortalecer seus membros. Eis alguns desses textos exclusivos de João:

- 1) Jesus diante de Pilatos: “Jesus respondeu: ‘O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse

deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (18,36). O reino de Jesus não é da ordem – poder e dominação – do Império Romano. Sim, é Reino do Céu, ou seja, reino do “Meu Pai”, caracterizado pelo amor: “Deus é Amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Na fidelidade e firmeza na comunhão do amor de Jesus, o reinado da verdade de Deus se realiza: “Se vocês permanecem na minha palavra, são de fato meus discípulos; e conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês” (8,31-32); “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (14,6); “Quem é da verdade, ouve a minha voz” (18,37).

- 2) O rei Jesus: “Pilatos disse aos judeus: 'Aqui está o rei de vocês'. Eles gritavam: ‘Fora! Fora! Crucifique-o!’ Pilatos lhes disse: ‘Mas eu vou crucificar o rei de vocês?’ Os chefes dos sacerdotes responderam: 'Nós não temos outro rei, senão César'. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado” (19,14-16a). Depois de ameaçar Pilatos para condenar Jesus (19,12-13), a autoridade judaica aclama César como seu único rei para manter seu privilégio junto ao poder do Império Romano. Com a descrição da leviandade dos judeus, a comunidade joanina denuncia a falsidade e a perversidade dos judeus fariseus, a autoridade religiosa do seu tempo. Para a comunidade cristã, Jesus é o único rei com a força do amor, da justiça e da fidelidade.

- 3) Jesus e sua mãe: “Junto à cruz de Jesus estava sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à sua mãe: 'Mulher, eis aí o seu filho!' Depois disse ao discípulo: 'Eis aí sua mãe!' E desde essa hora o discípulo a recebeu em casa” (19,25-27). Enquanto os três Evangelhos sinóticos registram a permanência das mulheres à distância da cruz, o Evangelho de João apresenta, junto à cruz, as mulheres e o discípulo amado. Nas falas de Jesus, Maria, mãe de Jesus, recebe o tratamento de “mulher”, a discípula fiel ao amor de Jesus (2,4; 19,26), que funda, junto com o discípulo amado, uma nova comunidade de amor. E, então, nasce ao pé da cruz a Igreja com o Espírito Santo, uma nova humanidade e um novo Israel, para continuar a missão do servo crucificado e morto, por causa da prática da justiça, solidariedade e amor. (19,30; 20,22).
- 4) O golpe de lança: “Quando se aproximaram de Jesus, viram que já estava morto; por isso, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe perfurou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. Essas coisas aconteceram para se cumprir a Escritura: ‘Nenhum osso dele será quebrado’. E ainda outra passagem diz: ‘Olharam para aquele a quem traspassaram’” (19,33-34.36-37). Jesus morto na cruz é o verdadeiro messias. Nele, as palavras da Escritura são confirmadas: a primeira citação, que vem de Ex 12,46, testemunha Jesus como o cordeiro da nova

Páscoa, a festa da libertação; a segunda, que vem de Zc 12,10, serve para comprovar a inocência de Jesus. Os homens, ao contemplarem o “traspassado”, se arrependem e entram em luto: “Quanto àqueles que traspassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único”. Confirma-se que a morte de Jesus não é fim. Do sangue, a sede da vida (Gn 9,4) e da água, símbolo do Espírito (Is 44,3), brota a vida a todos e todas.

- 5) Crer sem ver: “Depois de oito dias, os discípulos de Jesus estavam reunidos de novo; dessa vez Tomé estava eles. Estando trancadas as portas, chegou Jesus. Colocou-se no meio deles e disse: ‘A paz esteja com vocês’. Então disse a Tomé: ‘Estenda seu dedo até aqui e veja minhas mãos. Estenda sua mão e coloque-a no meu lado. Não seja incrédulo, mas tenha fé’. Tomé respondeu-lhe dizendo: ‘Meu Senhor e meu Deus!’ Jesus disse: ‘Você está acreditando porque viu? Felizes os que não viram e acreditaram’” (20,26-29). Tomé, ausente na ocasião da aparição de Jesus ao reencontrar os demais discípulos (20,24-25), poderia ter acreditado no testemunho deles, afirmando sua fé sem ver e tocar. Oito dias depois, Jesus volta ao meio deles, agora com a presença de Tomé. Vendo e ouvindo Jesus, sem tocá-lo, faz sua confissão de fé. Ao vacilar entre o ver e o crer, Tomé motivou o pronunciamento de Jesus sobre a bem-aventurança dos que creem sem ver o Ressuscitado. As narrativas de aparição são um fator de convencimento da comunidade sobre Jesus em vida.

Todos esses textos exclusivos de João têm como pano de fundo a situação da comunidade joanina, que sofre com as perseguições e os conflitos internos. É preciso alimentar a fé na presença de Jesus crucificado e ressuscitado no meio da comunidade para orientar e fortalecer a missão e o testemunho cristão no mundo do Império Romano.

Hoje, somos todos chamados à convivência do amor do Crucificado (At 2,42-47) e à bem-aventurança dos que crêem sem ver o Ressuscitado (1Pd 1,3-9). A fé em Jesus de Nazaré ressuscitado, que continua vivo entre nós, leva a reconhecer sua presença nos sinais do amor manifestado nas diversas comunidades e culturas dos nossos tempos. Assumir essa fé no Deus da vida nos move à solidariedade global pela paz e pela vida, superando o império da fome, da guerra e da morte.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BEASLEY-MURRAY, George R. *John*. World Biblical Commentary, v. 36. Texas: Word Books, 1987.

BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João – O Caminho da Vida*. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN, R. E. *A comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulus, 1984.

BROWN, R.E. *Evangelio segun San Juan*. Madrid: Cristiandad, 1999.

CENTRO BÍBLICO VERBO. *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiro e subsídios para encontro*. São Paulo: Paulus, 2000.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *Caminho para a vida em abundância: uma leitura de João em perspectiva de festa*. Brasília: CRB, 2009.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.

KONING, Johan. *Evangelho segundo João – Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura de Evangelho segundo João*, v. I,II,II e IV. São Paulo: Loyola, 1996.

MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1989.

MATEUS, Juan S, J. *O Evangelho de João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulus, 1996.

OONUKI, Takashi. *O Evangelho de João*. Tokyo: Christian Church Publisher, 1996.

ÍNDICE

5 *Agradecimentos*

7 *Apresentação*

9 *Introdução ao Evangelho de João*

11 “Permanecei no meu amor para dar muitos frutos” (15,8-9)

13 Conhecendo o chão da comunidade de João

17 A comunidade de João e suas características

19 Conhecendo o Evangelho de João

20 Plano do Evangelho

22 Organização deste livro

25 Lembretes para as reuniões

27 *Primeiro encontro: A nova e definitiva aliança*

32 Orientações para o primeiro encontro

32 Situando o texto: A festa de casamento

37 Comentando o texto: Jo 2,1-11: As bodas de Caná

41 Aprofundando: *Os sete sinais* - Jesus soberano e libertador

47 *Segundo encontro: O diálogo é fonte de comunhão e de conversão*

53 Orientações para o segundo encontro

53 Situando o texto: Os samaritanos

58 Comentando o texto: Jo 4,1-30.39-42 – Jesus e a mulher samaritana

61 Aprofundando: Mulheres na liderança

65 *Terceiro encontro: Chamadas e chamados a ser pastores uns dos outros*

70 Orientações para o terceiro encontro

70 Situando o texto: Compreendendo a imagem do Pastor

74 Comentando o texto: Jo 10,1-18 – Eu sou o bom Pastor

81 Aprofundando: a origem de Jesus e a sua humanidade

85 *Quarto encontro*: Amar e servir!

90 Orientações para o quarto encontro

90 Situando o texto: o lava-pés

93 Comentando o texto: Jo 13,1-20 – É preciso lavar os pés uns dos outros

96 Aprofundando: O livro da Comunidade (13-17)

101 *Quinto encontro*: Jesus está vivo e presente entre nós

106 Orientações para o quinto encontro

106 Situando o texto: O cotidiano de sofrimento na comunidade

110 Comentando o texto: Jo 20,11-18 – Jesus e Maria Madalena no jardim

114 Aprofundando: Textos exclusivos de João na narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

Mestrado

Estudos de temas específicos

Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)

Hebraico e Grego (semanal)

Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5182.0008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; facebook.com/cbiblicoverbo